



ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**A reportagem desportiva e a revelação de
verdades inconvenientes no Mundial de 2022: o
caso do *The Athletic***

Francisco Martins

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Jornalismo

Orientador:

Professor Adjunto Convidado Paulo Moura

Outubro de 2024

Declaração Anti-plágio

Declaro que o presente trabalho para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo é original e da minha autoria. Atesto ainda que todas as citações se encontram devidamente identificadas e acrescento ter consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho apresentado.

Francisco Grácio Simões Leal Martins

16 de outubro de 2024

Resumo

O jornalismo desportivo tem evoluído num sentido de descrédito. Perpetua-se a ideia de que esta secção é o parente pobre das redações. Ainda assim, o jornalismo desportivo deve guiar-se pelas mesmas normas que outras áreas da atividade. A reportagem, embora por motivos diferentes, também tem sofrido desinvestimento. O presente trabalho mistura estes dois eixos, analisando como é que a reportagem desportiva está a sobreviver e como sem ela o jornalismo sai enfraquecido. Olhou-se então para o caso do *The Athletic* e para um evento específico, o Mundial 2022, no Qatar. Embora numa região do globo com desafios concretos, os repórteres da publicação procuraram que a cobertura realizada fosse inequivocamente diferente daquela que podia ser feita à distância. Enquanto que a entidade organizadora da competição tentava maquilhar verdades inconvenientes – mortes de trabalhadores na construção dos estádios, falta de condições de vida da mão de obra migrante, desrespeito pelos direitos LGBT –, a informação independente tornava-as evidentes para o público.

Palavras-chave: Jornalismo desportivo; Reportagem; Futebol; Desporto

Abstract

Sports journalism has evolved towards discredit. The idea perpetuated is that this section is the poor relative of newsrooms. Still, sports journalism must be guided by the same standards as other areas of activity. Reporting, although for different reasons, has also suffered disinvestment. This work merges these two axes, analysing how sports reporting is surviving and how without it journalism is weakened. So, to do that, the case of The Athletic and a specific event, the 2022 World Cup, in Qatar, were looked at. Although in a region of the world with concrete challenges, the publication's reporters sought to ensure that the coverage provided was unequivocally different from that which could be provided remotely. While the organization of the competition tried to cover up inconvenient truths – deaths of workers in the construction of stadiums, lack of living conditions for migrant labour, disrespect for LGBT rights –, independent information made them evident to the public.

Keywords: Sports journalism; Reporting; Football; Sports

A homenagem possível à Avó Fátima

Índice

Introdução	1
1. A inevitabilidade do jornalismo desportivo	3
1.1 O detalhe do “desportivo”	3
1.2 A multidisciplinarietà do jornalista desportivo	4
1.3 O descrédito no passado e no presente	6
1.4 Jornalismo desportivo: com defeitos, mas imprescindível	8
1.5 A necessidade de especialização	11
2. A reportagem como género em movimento	13
2.1 A proximidade com as histórias	13
2.2 O exterior como elemento essencial	14
2.3 O repórter é uma esponja de sensações	16
2.4 Os riscos do fim da reportagem	18
3. Metodologias	20
4. O <i>The Athletic</i>	22
5. Discussão dos resultados	23
6. Ver o que os poderes querem que seja escondido	35
Conclusões	38
Bibliografia	40
Anexos	44

Introdução

Um repórter é um luxo. O preço que implica enviar um jornalista para o terreno tem consequências económicas para os órgãos de comunicação social. Esse não é um investimento sem retorno, pois sai a ganhar a qualidade da informação e, em última instância, o cidadão que a recebe. No entanto, o que se ganha, na lógica das dinâmicas atuais das redações, não compensa o que se perde.

O sentido da reportagem é paradoxalmente o da decadência, porque quanto mais se apregoa que é ela que enriquece a atividade jornalística, mais se lhe cortam as indispensáveis pernas para andar, sendo que, sabe-se de antemão, este não é um género que aprecie ficar sentado numa cadeira de secretária. O jornalismo desportivo enfrenta igualmente um caminho imerso em contradições. Desde logo, porque esta especialização apresenta níveis elevados de popularidade, aspeto que devia obrigar a um aperfeiçoamento cada vez maior. Não é isso que acontece. O jornalismo desportivo tem visto progressivamente as suas obrigações de serviço público serem substituídas em prol da lógica de consumo. Neste sentido, uma área específica da atividade foge aos padrões da profissão, o que contribui para acentuar o descrédito histórico do jornalismo desportivo.

Ao longo deste trabalho, procura-se recalcar os modelos ideais, quer de jornalismo desportivo, quer de reportagem, mas, ao mesmo tempo, dar conta da maneira como estes dois eixos são afetados negativamente pelos padrões atuais de uma atividade toda ela em crise. Concomitantemente, existe um interesse por explorar como é que ambas as dimensões se interligam, isto é, como é que a reportagem desportiva sobrevive no meio do caos.

Desta forma, o projeto encontra-se organizado em seis capítulos. Os dois primeiros dizem respeito ao enquadramento teórico. Inicialmente, debate-se qual é o valor do jornalismo desportivo. Destaca-se qual a sua relevância, a multidisciplinariedade, a utilidade, a especificidade e a raiz histórica de descrédito. Depois, procede-se ao balizamento daquilo que é o conceito de reportagem. Não se pretende realizar um debate filosófico, mas antes definir quais os aspetos distintivos que o tornam num género que obriga ao movimento. As linhas orientadoras patentes neste capítulo vão ser úteis ao estudo de caso que se segue e que pretende analisar a forma como o *The Athletic* procurou

que a cobertura jornalística do Mundial do Qatar, realizado no final de 2022, não limitasse apenas ao mero relato desportivo e abrangesse de igual modo o contexto social e político em que a competição estava inserida. Assim, foram analisadas peças informativas e entrevistados jornalistas da publicação digital para clarificar a vantagem que é ter um repórter, com possibilidade de ver, cheirar, ouvir e sentir, no local onde se desenrolou a prova.

1. A inevitabilidade do jornalismo desportivo

1.1 O detalhe do “desportivo”

Jornalismo desportivo? Jornalismo sobre desporto? Jornalismo (apenas)? A primeira expressão traduz uma relação umbilical entre os dois conceitos. A segunda reflete uma relação hierárquica, onde o ato de informar fica no topo face ao assunto a que esse ato se dedica. No terceiro caso, filtra-se o que sempre prevalece.

Em *Tudo por uma boa história - Confidências e relatos de jornalistas portugueses*, Vítor Serpa apresenta um relato prático que esclarece como se posiciona o jornalismo em relação ao mundo que o rodeia. O relato do jornalista do diário desportivo *A Bola* passa-se na América do Sul, em 1982. Vítor Serpa foi enviado para a Argentina para acompanhar a Taça Latina de Natação. “Tínhamos excelentes atletas e um deles, um campeão internacional, Alexandre Yokochi, que viria mesmo a vencer a prova dos 200 metros bruços, o que provocou grande animação entre a comitiva portuguesa” (Serpa, 2017, p. 129).

Ao mesmo tempo que a competição decorria, Buenos Aires tornava-se num dos maiores focos da dinâmica geopolítica mundial. As Ilhas Malvinas - cuja designação do território por *Falkland Islands* ou *Islas Malvinas* pode ainda hoje ser suscetível a leituras políticas - eram um território disputado por Inglaterra e Argentina. “Buenos Aires não era ainda uma cidade em estado de guerra” (Serpa, 2017, p. 128), mas as notícias começavam a dar conta de que Margaret Thatcher estava disposta a enviar forças militares para a América do Sul com a intenção de atacar a Argentina. O ambiente era crispado. “Havia, claramente, uma esperança: que os americanos não atraíssem a aliança com os argentinos e, no mínimo, não se envolvessem” (Serpa, 2017, p. 128).

O repórter mantinha a cobertura na Taça Latina de Natação. Acontece que, descreve Vítor Serpa (2017, p. 128), *A Bola* desde o seu início nunca se resignou à sua condição de diário desportivo, praticando um “jornalismo inteiro” pelo que permitiu ao jornalista sentir-se “à vontade para tomar toda a atenção ao sentimento de um conflito crescente, que, em cada dia que passava, preocupava mais o povo argentino” (Serpa, 2017, p. 128). Entretanto, efetivamente, os Estados Unidos ignoraram a aliança com a Argentina. A União Soviética, com apurado sentido de oportunidade para a hipótese de

vir a exercer influência sob um povo traído, trouxe a Argentina para a sua esfera de influência.

Nas memórias que Vítor Serpa recupera, nada se sabe sobre a qualidade do deslizamento na água de Alexandre Yokochi, da coordenação da braçada com a pernada ou da qualidade da concorrência. O jornalista preferiu recuperar outros aspetos dessa reportagem, como a deslocação que fez ao local de estágio da seleção argentina de futebol, onde ignorou Diego Maradona por haver, entre os jogadores, alguém mais capacitado para comentar o conflito em curso: Osvaldo Ardiles. Trata-se de um atleta que alinhava nos ingleses do Tottenham. “Ardiles deu-me uma entrevista que, na altura, viria a correr o mundo, garantindo que não voltaria a pôr os pés em Inglaterra e que, apesar de sempre se ter sentido bem no Tottenham, tinha o dever patriótico de ficar do lado da Argentina e do seu povo” (Serpa, 2017, p. 130). Por essa altura, a seleção *alvicesleste* realizou um jogo particular contra a União Soviética, país que se tinha disponibilizado a ajudar no reforço da capacidade militar da Argentina e em que os adeptos argentinos aplaudiram o hino do adversário.

Novamente, nem o resultado do jogo é mencionado (ficou 1-1) de tão secundária que a vertente desportiva se tornou no contexto histórico vigente e presenciado por Vítor Serpa. “Para um jornalista, o jornalismo é uno e indivisível. Não existe jornalismo desportivo, económico ou político. Um jornalista é sempre jornalista, em qualquer momento ou circunstância” (Serpa, 2017, p. 130).

1.2 A multidisciplinidade do jornalista desportivo

O jornalismo desportivo não é a secção mais prestigiada dos *media* noticiosos (Rowe, 2007), sendo frequentemente alvo de críticas quanto à sua atuação e olhada como uma “estrutura em gueto” (Rowe, 2004, p. 43) dentro da redação. O exemplo acima descrito, em que um jornalista tenta criar uma ligação com as restantes áreas de interesse para uma sociedade, é a exceção. A habitual recusa do jornalismo desportivo em assumir esta multidisciplinidade afeta a sua reputação. Os jornalistas desportivos devem ir além do que se passa dentro do campo e fazerem o esforço de darem a conhecer ao seu público os aspetos mais relevantes que existem por trás do desporto, independentemente de dizerem respeito à sua dimensão social, financeira, cultural ou política, numa

explicação exaustiva dos temas que extravasa a mera descrição de lances (Ramon & Rojas Torrijos, 2017, p. 2).

Quando se analisa um dos artigos que mais impactou o mundo do desporto nos tempos mais recentes, como foi o caso da investigação que o jornal britânico *The Guardian* realizou sobre os 6.500 trabalhadores migrantes que morreram no Qatar durante a construção dos estádios para o Mundial 2022 (Pattisson & McIntyre, 2021), percebe-se que um texto que nada tem a ver com o futebol foi um dos influentes na cobertura mediática do evento, levando a constantes perguntas e tentativas de escrutínio sobre o tema.

Broussard (2020) defende a tese de que nem sempre os jornalistas desportivos mostram predisposição para trabalharem temas que escapam à área em relação à qual mais se dedicam. O autor identifica que muitos repórteres de desporto não cobrem temas sociais e políticos, porque os preferem delegar a outras editorias, apesar de, em simultâneo, a maioria considerar que jornalismo desportivo não é diferente de outros formatos e que é injusto que os jornalistas desportivos não sejam classificados apenas como jornalistas.

Se adotarmos o ponto de vista de Alcoba López, parece quase paradoxal que os profissionais inquiridos por Broussard (2020) remetam trabalhos para colegas de outras editorias, mas reclamem igualdade de estatuto. Alcoba López (2005, p. 69-70) aponta que o jornalista desportivo tem que dominar assuntos que se afastam da atividade desportiva, mas que afetam a prática da mesma, - tais como a medicina, por causa das lesões, a política, por causa da propagação de ideologias através do desporto - o que o impede de se demarcar da realização de tarefas.

“Os bons jornalistas desportivos não se caracterizam por escreverem ou falarem com conhecimento de causa sobre o desporto ou desportos que tratam; são excelentes jornalistas, porque vão mais além da própria atualidade da notícia informativa. Perseguem, são detetives e defensores da verdade numa área cada vez mais reprimida pelos interesses políticos, comerciais e até científicos” (Alcoba López, 2005, p. 71).

Ao mesmo tempo, Alcoba López, ainda que reconheça que o jornalismo desportivo não se pode demover de contar as histórias como elas são, ou seja, incluindo todas as suas vertentes, encontra justificação para, muitas vezes, os jornalistas desportivos

se diminuïrem e abdicarem da realização de trabalhos mais profundos, pois “em muitas ocasiões, os jornalistas desportivos veem as suas informaes de denúncia serem colocadas no cesto dos papéis” (Alcoba López, 2005, p. 70) por serem desvalorizadas.

1.3 O descrédito no passado e no presente

Para se entender o porquê do jornalismo desportivo ver a sua pertinência ser ainda hoje questionada, é preciso recuar no tempo. Desde o seu surgimento que o jornalismo desportivo teve dificuldades de afirmao (Pinheiro, 2010). O espoletar do interesse nos temas para os quais esta seco estava orientada teve início no século XX, um período marcado quer pelos conflitos bélicos, quer pelos avanços tecnológicos. A sociedade evoluiu para um modelo de funcionamento em que o trabalho domina e agita grande parte da vida dos cidadãos. Neste contexto, o desporto inseriu-se nas várias áreas da sociedade, sendo visto como uma forma de tornar a vida mais suportável. As pessoas passam a praticar mais desporto, o que o normaliza. Naturalmente, com mais pessoas a praticar, mais importância ganha o desporto do ponto de vista mediático (Alcoba López, 2005).

No entanto, alguns dos acontecimentos mais marcantes relacionados com o jornalismo desportivo aconteceram ainda antes da viragem para o século XX. Em 1828, aparece em Paris o *Journal de Haras*, uma revista dedicada ao desporto. Em 1852, aparece em Inglaterra o primeiro diário desportivo, o *Sportsman* (Alcoba López, 2005, p. 37). Mais tarde, um dos marcos mais importantes da informao desportiva foi o proprietário do *The New York Journal*, Willian Randolph Hearst, ter começado a incluir este conteúdo no projeto editorial, o que influenciou os restantes jornais americanos (Alcoba López, 2005, p. 39), sendo que desta ligao ao jornalismo amarelo, se pode questionar se a imprensa desportiva não tem na sua essência uma lógica *tabloid* que possa dificultar a sua afirmao enquanto informao de referência.

Historicamente, os jornalistas desportivos tiveram dificuldade em adquirir o seu estatuto, porque eram desprezados, sendo-lhes dificultado o acesso à carteira profissional (Pinheiro, 2010, p. 334).

“Uma das principais causas para esta desunião permanente entre a classe residia na ausência de uma definio profissional e de uma estratégia de

grupo. Além disso, persistia a ideia de que o jornalismo desportivo era um género menor de informação, embora fosse consensual reconhecê-lo como ‘uma autêntica escola de jornalismo’, pela qual passavam (a título temporário e iniciático) uma série de aspirantes e jovens jornalistas que depois se tornavam grandes figuras do jornalismo português noutros campos informativos, socialmente mais prestigiantes que o desporto. Uma das formas de dignificar esta área passava, necessariamente, pelo reconhecimento dos redatores desportivos como jornalistas, possuidores de uma carteira profissional, como acontecia com os profissionais da informação diária” (Pinheiro, 2010, p. 334).

A falta de reconhecimento agravava-se quando era necessário pedir acreditação para eventos internacionais e os jornalistas desportivos portugueses não tinham carteira profissional (Pinheiro, 2010, p. 334). O interesse generalizado da atividade desportiva, apontado por Alcoba López leva as instituições públicas a quererem regulamentá-lo (2005, p. 37). Por isso, na segunda metade do século XX, em Portugal, os jornalistas desportivos deixaram de ser amadores para assumirem a profissionalização através da remuneração e do estabelecimento do estatuto profissional (Pinheiro, 2010).

Se é verdade que o jornalismo desportivo demorou a obter uma dignidade aceite pelos seus profissionais, ao mesmo tempo, não deixa de continuar a enfrentar problemas de emancipação. Rowe (2007) não hesita em classificar a secção de desporto dos jornais como *toy department*, conotando-o ao *engraçadismo* que lhe considera ser inerente. No entanto, diz este autor, o pior não é a linguagem, questão que abordaremos mais adiante, mas sim a subordinação aos interesses comerciais. Por ver a agenda facilmente definida pela indústria do desporto, o jornalismo apresenta-se como uma agência de publicidade, pois acaba por dar maior relevo a determinados desportos do que a outros, sendo essa opção influenciada por aquilo que arrasta mais pessoas (Rowe, 2007).

“Os jornalistas desportivos estão entre os mais profissionais do jornalismo moderno. Em geral, eles são extremamente bons a fornecer notícias e reportagens em formatos altamente especializados e têm um alto ritmo de trabalho em comparação ao jornalismo em geral. Mas o jogo comercial do desporto está a exercer muita pressão sobre o próprio jornalismo que se tornou quase impossível trabalhar de acordo com os ideais clássicos de jornalismo” (Jørgensen, 2005, p. 4).

O aspeto comercial leva a uma produção de conteúdos mais ao estilo de um *magazine* (Rowe, 2007) e influencia as decisões editoriais que passam a ter mais em conta o lucro do que o interesse público da informação na aplicação de uma lógica de *marketing* incompatível com a profissão (Jørgensen, 2005).

Rowe (2007, p. 387) aponta também a falta de diversidade de fontes como uma falha da imprensa desportiva. Além de se construírem peças com poucas fontes, aquelas a que os jornalistas recorrem são pouco diversificadas e saem de um leque restrito que vai pouco para lá de treinadores, atletas, representantes de clubes desportivos. Este aspeto não deve ser desconsiderado, porque o jornalismo desportivo se deve reger pelas mesmas regras éticas e respeitar os mesmos valores-notícia que outras áreas da profissão (Mourão, 2019).

O *International sports press survey 2011* destaca precisamente essa realidade. Apesar de se tratar de um estudo um pouco distante no tempo, compensa pela profundidade, uma vez que foi uma investigação que contou com 13 equipas de pesquisa que fizeram uma análise à escala global sobre o desporto nos *media* tendo por base 18.340 artigos sobre desporto, produzidos por 81 jornais diários, ao longo de 14 dias, em 22 países. Nos resultados, identificou-se que 27% dos textos não tinha qualquer tipo de fonte e 41% tinha apenas uma fonte (Horky & Nieland, 2013).

1.4 Jornalismo desportivo: com defeitos, mas imprescindível

O jornalismo desportivo, apesar de tudo, é necessário em qualquer órgão de comunicação social e há razões que o demonstram. O desporto deixou de ser banal por se ter tornado em algo que as pessoas deixaram de conseguir prescindir no dia a dia, tanto como os jornais, interessados em vender e atrair publicidade (Alcoba López, 2005, p. 154-155). Começamos pela já referida questão económica. Não há nenhuma outra atividade no mundo que consiga gerar tanto interesse continuado nas pessoas como o desporto. Apenas os assuntos pontuais, por exemplo, catástrofes, acidentes, uma viagem de uma personalidade ou uma ação terrorista conseguem ter tão grande impacto, mas não o fazem de uma forma prolongada (Alcoba López, 2005).

“Nem os meios de comunicação, nem os jornalistas podem ser acusados de terem convertido o desporto na atividade mais praticada e que maior volume

de informação difunde em todo o mundo. Quem criou o interesse humano no desporto foram precisamente os seres humanos [...]. Se o desporto atingiu a popularidade que possui é porque teve a virtude de integrar-se em todos os setores da sociedade” (Alcoba López, 2005, p. 30-31).

Ideia que é corroborada por Mourão (2019):

“O desporto tornou-se parte integrante da rotina social, dividindo espaço com vários outros temas importantes da comunidade, não estando separado do resto da vida da sociedade. Nele encontram-se estampados problemas sociais como racismo, homofobia, machismo e corrupção, dentre outros temas” (Mourão, 2019, p. 17).

Os que pensam que o desporto é um passatempo podem ter razão, mas não como forma de menosprezar o género específico do jornalismo, porque a audiência é muito grande, o que sustenta a relevância da informação desportiva e a sua importância cultural (Alcoba López, 2005, p. 40). Assim, existe uma relação paradoxal entre a posição insular e de descrédito do jornalismo desportivo no ambiente mediático em que se insere por se limitar a dar aos leitores aquilo que eles querem ler, evitando, muitas vezes, tocar nos tópicos que têm influência na sociedade, ao mesmo tempo que trata um dos temas mais populares e que o público mais interesse tem em acompanhar (Rowe, 2007, p. 400).

Para a popularidade do jornalismo desportivo, que não se traduz exatamente na investigação académica sobre o tema (Lopes & Pereira, 2006), muito contribui a preponderância do futebol. De acordo com o *International sports press survey 2011*, em 18.340 artigos sobre desporto analisados, o futebol é o desporto mais representado (41%). A segunda modalidade tem apenas 8% e é o ténis. Em Portugal, 81% dos textos escrutinados são sobre futebol (Horky & Nieland, 2013).

O futebol só ganha predominância na imprensa desportiva em meados da década de 1910 (Pinheiro, 2010, p. 438). No entanto, de lá para cá, tem-se tornado um produto altamente rentável economicamente, o que não devia levar o jornalismo que se faz sobre ele a esquecer as normas deontológicas que regem a profissão (Mourão, 2019). Embora o futebol seja um produto particularmente apetecível à televisão por este tipo de *media* levar o espetador a ter uma experiência mais completa quando se senta em frente ao televisor do que quando abre a página de um jornal ou sintoniza a rádio (Lopes, 2006),

todos os órgãos de comunicação se fazem valer do efeito que este tem nas pessoas para apostarem na modalidade tendo como contrapartida a subida das audiências. Daí que as empresas de comunicação deem ao futebol espaço, tempo e dinheiro (nomeadamente, no investimento no envio de repórteres para o terreno) que habitualmente não despenderiam (Mourão, 2019).

O futebol, impulsionador de emoções e paixões que fazem arrastar povos inteiros pelo sentimento de identificação que se gera em torno da modalidade (Cerqueira, 2006; Daniel, 2006; Lopes, 2006; Mourão, 2019), é relevante para justificar a aposta no jornalismo desportivo. No entanto, a forma como o jornalismo desportivo é produzido também se mostra preponderante à atração de público. Uma das razões pelo muito interesse no jornalismo desportivo prende-se com o facto dos jornalistas especializados escreverem de uma forma que toda a gente entende. Se toda a gente entende, então toda a gente se sente bem informada, o que gera mais interesse no tema (Alcoba López, 2005, p. 10).

“O desporto converteu-se na atividade mais democrática das que o ser humano realiza. Nem sequer a política gera uma cifra de comentários e conceitos diversos, expressos por pessoas cuja educação vai desde o analfabeto ao intelectual, com posturas radicais. [...] Um analfabeto converte-se num sábio, superando o conhecimento de um determinado desporto ao intelectual que reduz a sua sabedoria à de um analfabeto” (Alcoba López, 2005, p. 11).

Devido a tudo isto, afirmar que o jornalismo desportivo inverteu o estatuto de género secundário, passando a equiparar-se a outras áreas, não é um desafio à verdade. A adesão do público aos eventos desportivos, o aumento da informação sobre desporto, a visão do desporto como um espetáculo e a entrada das ciências e da economia no mundo do desporto são indicações que impedem que os trabalhos sobre o tema sejam minorizados, havendo espaço para a exploração do interesse público do tópico, sendo que com isso aumenta a responsabilidade dos profissionais (Alcoba López, 2005).

1.5 A necessidade de especialização

Parece então sensato considerar que o jornalista desportivo deve ter características particulares (Alcoba López, 2005; Mourão, 2019; Lopes, 2006). Ainda assim, Lopes (2006, p. 85) recorda que o jornalismo pauta a sua atividade por princípios de pluralismo, de independência e de honestidade informativa, embora isso não implique rígidos modos de atuar. O facto de nos referirmos a jornalismo desportivo é indiferente visto que os padrões de atuação da atividade devem prevalecer sobre o tema que tratam.

No entanto, é normal o desporto ter uma linguagem especializada. O jornalista deve dominá-la por ser um fator imprescindível para o seu trabalho, sendo que cada desporto tem as suas palavras próprias (Alcoba López, 2005). Mesmo assim, deve existir a noção de que o jornalista tem que traduzir os assuntos que trata para linguagem do senso comum e não falar como um especialista (Mourão, 2019, p. 60).

“Não acredito no relato jornalístico desprovido de emoção, quando estamos perante um fenómeno que vive dela e da qual não se consegue separar. Mas também não concebo que se veja no jornalista que trata assuntos desportivos alguém que é mais emocional ainda do que o próprio fenómeno. Recuso a visão redutora de que o jornalista (salvo exceções) exagera na emoção que confere ao seu discurso. Um bom relato jornalístico é o que respeita as notícias. Se a notícia tem emoção, o jornalista não pode deixar de a retratar. Ser impenetrável a essa emoção, será, na minha perspectiva, não apenas inviável como indesejável. Não deixar que a linguagem fique, aqui e ali, impregnada da excitação do momento seria redutor e pouco rigoroso. Ser jornalista equidistante, sério e descomprometido é sempre possível. Nunca falhar é que já não faz parte da condição humana” (Daniel, 2006, p. 42).

Desta forma, uma vez que o desporto vive de emoção, se o jornalista não colocar parte desse sentimento no seu trabalho está a fazer um relato incompleto. Mesmo com todas as cautelas que demonstra face à linha ténue que separa a narração de sentimentos e o cumprimento das normas deontológicas do jornalismo, Lopes (2006) diz que a informação desportiva dirige-se primeiro à emoção e só depois à razão, mas alerta que o jornalista não deve ser, no desempenho da sua função, o motivo do despertar de sentimentos, devendo procurar, através das perguntas que realiza, apelar à contenção, adotando uma postura moderada, explicativa e lúdica.

“O discurso noticioso sobre o futebol debate-se ainda com a exigência da valoração permanente. Não basta dizer que um remate aconteceu ao minuto 27 e foi da autoria de fulano. O público quer saber se foi bem ou mal-executado, legal ou ilegal. Esta é claramente a área do jornalismo onde é mais difícil distinguir a informação da opinião, a análise do comentário, o explicativo do valorativo. A narração de um jogo (na rádio ou na TV) deveria ser, por definição, um momento de relato, rigoroso e, quando muito, analítico, ficando a leitura mais interpretativa ou valorativa para programas posteriores ou para os jornais dos dias seguintes. Tal não é viável, porque a exigência desse outro tipo de leitura é imediata e obriga a correr demasiadas vezes o risco de comentar a quente, quando se deveria fazer análise, mais fria e distanciada” (Daniel, 2006, p. 42).

Apesar de tudo, não deixa de ser relevante apontar que cada caso é um caso. As variações de estilo acontecem em função do meio de comunicação e do seu caráter generalista ou especializado (Alcoba López, 2005, p. 155).

2. A reportagem como género em movimento

2.1 A proximidade com as histórias

Tal como no primeiro capítulo, comecemos com um exemplo demonstrativo do que Broussard (2020, p. 7) identifica como uma mudança em relação ao modo de fazer reportagem no jornalismo desportivo uma vez que, antes, ao contrário do que acontece atualmente, “os repórteres costumavam viajar, comer, beber e jogar cartas com os jogadores e o pessoal das equipas, então não havia linha de demarcação entre a vida pessoal e profissional dos repórteres e jogadores”. É um exemplo trágico, mas é a demonstração plena de como o acompanhamento que os jornalistas faziam das suas fontes não podia ser mais próximo.

A revista espanhola *Panenka*, numa edição dedicada totalmente à relação entre o desporto e o jornalismo, conta com uma reportagem (Padilla, 2016) onde David Meek é o protagonista. O jornalista do *Manchester Evening News* recorda um jogo entre o Manchester United e o Sheffield Wednesday, em Old Trafford. Nas bancadas, o ambiente era de luto. O onze inicial da equipa da casa era composto por jogadores totalmente desconhecidos. Os habituais titulares tinham falecido ou estavam no hospital. 13 dias antes daquele encontro com o Sheffield Wednesday, o avião que trazia o Manchester United de volta a casa depois de um jogo em Belgrado para as competições europeias, contra o Estrela Vermelha, caiu quando tentava levantar voo no aeroporto de Munique, numa pista coberta de neve.

David Meek foi o jornalista destacado para aquele Manchester United-Sheffield Wednesday, mas diz que foi como “calçar os sapatos de um morto”. Naquela altura, em 1958, Tom Jackson era o jornalista do *Manchester Evening News* que acompanhava o United com mais proximidade, logo era quem estava sempre presente nos jogos da equipa. À redação do jornal inglês chegavam cartas de leitores que diziam que nunca tinham visto o Manchester United ao vivo, mas que, com as crónicas de Tom Jackson, era como se tivessem os jogadores na sala de estar. Também Tom Jackson faleceu na queda do avião que vitimou 23 pessoas (20 delas logo no local) das 44 que seguiam a bordo. Como Tom, muitos dos jornalistas seguiam na comitiva - Henry Rose (*Daily Express*) Alf Clarke (*Manchester Evening News*), Eric Thomson (*Daily Mail*), Archie

Ledbrooke (*Daily Mirror*), George Follows (*Daily Herald*), Frank Swift (*News of the World*) e Donny Davies (*Manchester Guardian*) - para contar cada gesto de uma equipa de jovens e talentosos jogadores, conhecidos como ‘Busby Babes’, em referência ao icónico treinador Matt Busby que reergueu o clube dos momentos mais difíceis da sua história.

Com o avançar do tempo, os clubes de futebol profissionalizaram a sua comunicação. O acesso dos jornalistas aos atletas e outras fontes passou a ser extremamente limitado por assessores que pretendem salvaguardar a exclusividade da informação para os canais oficiais, mantendo um controlo muito maior sobre a mensagem que é transmitida (Borges, 2019). Isto afetou o caminho que o jornalismo desportivo estava a tomar e que foi interrompido. O jornalismo desportivo começou a crescer quando deixou de ser um mero veículo de transmissão de resultados de jogos e passou a preocupar-se com a elaboração de conteúdos em torno do desporto (Mourão, 2019), porém a dificuldade de acesso à informação representa um retrocesso.

2.2 O exterior como elemento essencial

Inicialmente, o exemplo do Desastre de Munique, como ficou conhecida a queda do avião que levou à morte de jogadores do Manchester United e de jornalistas, muito embora tenha como propósito ilustrar a necessidade que os jornalistas têm de estar por dentro, literalmente, dos assuntos e junto dos protagonistas, pode parecer exagerado (porventura, dramático). No entanto, não deixa de ter um tom semelhante àquele com que Godinho (2009) descreveu o que é fazer reportagem.

“Trata-se de uma ‘força’ que assoma nas guerras, nos crimes, nos desastres naturais e junto da qual o reportar se constituiu mais facilmente. Porquê? Porque no sítio da tragédia, no caos, na lama das batalhas, perto do cheiro da morte, faltam as palavras, falha o raciocínio e sobra apenas espaço para descrever, sem adjetivação nem aventuras especulativas, o que está diante dos olhos. Perante a contemplação do trágico é-se apenas repórter, sente-se o desejo de contar simplesmente algo que desafia a explicação” (Godinho, 2009, p. 84).

Este lado trágico que Godinho (2009) associa à reportagem torná-la-ia impossível de se relacionar com o desporto, lugar de emoção, paixões exacerbadas e devoção (Cerqueira, 2006; Daniel 2006; Lopes 2006; Lopes & Pereira, 2006). Só que na conceção de reportagem de Gay Talese (2002) fica evidente que há uma possível história ao virar de cada esquina, caso haja engenho para se transformar o que se vê numa boa narrativa. Tudo começa com “a curiosidade de olhar o mundo de forma diferente”, reconhecendo que nos formatos de não-ficção também se podem adotar abordagens criativas sobre os temas aparentemente banais, tornando-os interessantes, mas “sem tomar liberdades com informações factuais”.

“Eu queria escrever sobre pessoas sobre as quais os outros não escreviam. Eu queria mover o reino da curiosidade para a vida das pessoas que haviam sido ignoradas, porque pensei que elas tinham algo a dizer e suas vidas tinham algo a representar em termos de realidade superior” (Talese, 2002).

Existe uma tendência para misturar reportagem e jornalismo de investigação. Embora o segundo conceito possa adquirir a forma do primeiro, nem sempre a reportagem no sentido mais sensorial é a melhor maneira de apresentar jornalismo de investigação, tido aqui como aquele que revela às pessoas algo que está escondido por interesse de alguém (Coelho, 2021). Por isso foquemo-nos na reportagem que recorta “um pouco de mundo” (Barata-Feyo, 2006).

Reportagem vem de *report* (reportar em inglês) e *age* (sufixo da palavra francesa *cancannage* que significava coscuvilhice). Desta forma, inicialmente *reportage* tinha uma conotação negativa e significava relatar um acontecimento com muito exagero e imaginação. Durante a Guerra da Secessão (1861-1865), o conceito ganhou mais relevo e passou a estar normalizado no jornalismo ao ponto dos repórteres quererem estar o mais possível na linha da frente para darem o maior número de pormenores aos seus leitores (Godinho, 2009, p. 22-23). Ainda dentro do campo etimológico, Vivaldi (1993, p. 65) refere que *reportagem* remete para a palavra francesa de origem inglesa e adaptada para o espanhol, o verbo latino *reportare*, que significa trazer notícias, anunciar, referir, ou seja, informar o leitor sobre algo que o repórter considera merecedor de ser referido.

Numa tentativa de definição, reportagem é:

“[...] Uma história jornalística essencialmente informativa, livre no assunto, objetiva na forma e preferencialmente escrita em estilo direto, na qual é relatado um facto ou evento de interesse atual ou humano; ou ainda: uma narração informativa, mais ou menos fugaz, literária, concebida e realizada de acordo com a personalidade do escritor-jornalista” (Vivaldi, 1993, p. 65).

É Godinho (2009), de novo com recurso à essência do termo, que nos aponta para aquilo que há de mais fundamental na reportagem. Na palavra *reportar*, *portar* significa trazer algo à presença de alguém, ou seja, exige movimento (Godinho, 2009, p. 21). Reportar é um movimento, um gesto que faz parte de uma experiência mais vasta (Godinho, 2009, p. 22).

“Nasce-se grande repórter como se nasce grande poeta ou grande pintor” (Vivaldi, 1993, p. 115). É por este motivo que o repórter não se satisfaz com o conforto da cadeira onde se senta na redação, porque conta passar pouco tempo junto dela. O repórter tem de ter dotes especiais, isto é, trata-se de um jornalista com características diferentes que podem ser pessoais ou adquiridas. “Um grande repórter é, em última instância, um grande observador, um captador de essências vitais, um homem com gosto, de paladar, um homem de culto, um conhecedor dos homens, da vida e, logicamente, um grande escritor” (Vivaldi, 1993, p. 91). Assim, “normalmente, só no exterior o repórter é livre, determinando sozinho o seu esforço de investigação, e tendo tempo para desenvolver um assunto em profundidade” (Vegar, 2001, p. 9).

2.3 O repórter é uma esponja de sensações

Para o repórter, sair para o exterior não é um mero capricho, pois este vive de contar o que o rodeia. É essencial que veja com os próprios olhos para que a sua capacidade de compreensão e transmissão seja exaltada pelo que observa no terreno (Castanheira, 1998, p. 9). Assim, define-se como princípio básico da reportagem a necessidade de ser escrita por uma testemunha ocular (Godinho, 2009), tendo como matéria-prima as pessoas, os factos e a vida (Castanheira, 1998, p. 9).

Não se pense que isto tem menos relevância no desporto. As instalações desportivas podem ser fontes de informação muito importantes, assim como as pessoas que nelas se encontram, pois os desportistas, os treinadores, os clubes/seleções, os

organismos e as identidades, as federações, os empregados e as direções são as fontes primárias do jornalismo desportivo (Alcoba López, 2005). A proximidade com essas fontes é a melhor maneira de obter histórias, logo, a presença na área geográfica onde se disputam as competições tem influência na cobertura que é feita por vários motivos além da proximidade com as fontes: um deles, porque o rumor, mesmo que exija aprofundamento, pode ser o ponto de partida para uma história e, o outro, a possibilidade de definir a agenda realizando perguntas no contexto de conferência de imprensa ou outro (Alcoba López, 2005).

“Repórter é o que tem alma e prazer de procurar no nada, tateando no escuro por sinais da notícia. E sabe que o trabalho apenas começou quando encontrar eco no seu radar. Até porque não precisará de esperar pela demora dos obstáculos que vão aparecer para lhe condicionar o caminho. E ele, Repórter, será o que consegue ver para lá do muro que lhe surgir, ultrapassando a resistência do colete-de-forças que faz o dia-a-dia de qualquer jornalista” (Mestre, 2021, p. 273).

A expressão que descreve perfeitamente a lógica do repórter ir atrás dos acontecimentos é “*boots on the ground*” (Gomes, 2021, p. 14). A pesquisa que dá origem a este formato é baseada em métodos qualitativos, imersivos e etnográficos, pelo que estar no terreno é um aspeto definidor de reportagem (Baptista, 2021, p. 90). “É no campo da ação, do contacto físico com as fontes de informação, da pesquisa, da investigação, das expressões, das cores e dos sons que o jornalismo acontece” (Bonixe, 2021, p. 123). Com a ida para o terreno, o repórter coloca-se numa situação em que pode “ver com todos os sentidos” (Mestre, 2021) para corresponder às obrigações de “saber ver e saber fazer ver; entender e dar a entender” (Gomes, 2021, p. 20). O repórter está no jornalismo para descobrir “novos mundos” e não para percorrer “caminhos já trilhados” (Vivaldi, 1993, p. 116).

“A secretária é a maior inimiga do repórter: é onde chegam os produtos acabados, plantados para fazer de conta que são factos. E que são, quando muito, fonte e ponto de partida para o tanto trabalho que está por fazer: ‘deixa-me ir ali cheirar esta estória!’” (Mestre, 2021, p. 274-275).

No local dos acontecimentos, o jornalista atua como “testemunha profissional” e faz um trabalho de recolha de informação sustentado na interação com os protagonistas

e com o espaço, pois só assim pode ficar esclarecido sobre o tema que está a tratar de modo a contá-lo ao seu público, mas nunca deve menosprezar aquilo que ele próprio vê e sente. É assim que se leva também o leitor para o local: quanto melhor for a apresentação dos factos, sensações e espaços, mais envolvido vai estar o alvo da peça (Oliveira et al., 2021). “É a reportagem que melhor nos mostra a rua e o mundo” (Bonixe, 2021, p. 123).

2.4 Os riscos do fim da reportagem

Considerar a reportagem o género nobre ou o pulmão do jornal são clichês que não tornam menos relevante mencionar que é “o complemento extraordinário” (Castanheira, 1998, p. 9) de qualquer publicação. Há até quem considere que “o futuro do jornalismo depende da forma como, em conjunto, conseguirmos valorizar a reportagem” (Coelho et al., 2021, p. 12), isto é, a reportagem afirma-se como condição inerente à sobrevivência da atividade.

A reportagem é o género jornalístico mais complexo pelo tempo, recursos e trabalho de equipa que exige (Baptista, 2021, p. 89). No entanto, a reportagem é a primeira a sofrer com os atuais problemas do meio jornalístico, em especial com a velocidade de produção que é exigida e com os cortes de financiamento realizados pelos proprietários dos *media* em conteúdos mais demorados em detrimento de conteúdos de produção rápida (Marinho et al., 2021, p. 95). Sabendo que as reportagens são impossíveis de realizar sem o contacto direto com as fontes e com os lugares e sem viver as sensações por detrás dos acontecimentos, em detrimento que a perda de qualidade se reflita na maneira como a história é contada, a ida ao terreno constitui uma busca por histórias que escapam às agendas (Midões, 2021, p. 295). Acontece que isso tem custos (de deslocação, de material e de tempo em que o jornalista se podia dedicar a outro tipo de conteúdos). Daí que, um jornalista que queira fazer reportagem tenha que ‘vender’ a ideia ao editor e iniciar um processo de negociação, mostrando o porquê do tema que está a propor ser relevante e merecer investimento (Midões, 2021, p. 295).

“Alega-se frequentemente que a reportagem é um luxo, a que só a imprensa com boa saúde financeira se pode permitir. É uma perigosa falácia. Na concorrência entre jornais, ou no despique entre revistas, marca pontos quem apostar nos melhores produtos jornalísticos. Um público culto e exigente

acabará sempre por apreciar a qualidade e, mais tarde ou mais cedo, saberá distinguir o gato da lebre e separar o trigo do joio” (Castanheira, 1998, p. 10).

A partir daqui, a preponderância que se dá à reportagem passa a dizer respeito à política editorial que, tendencialmente, tem levado à castração de uma certa agenda pessoal dos jornalistas e conseqüente carência de reportagens nos meios de comunicação social que preferem formatos como a notícia que nem sempre são a forma mais completa de informar (Vegar, 2001, p. 11). É ignorado o impacto que uma reportagem pode ter ao trazer temas fora do comum, levando a debates importantes na sociedade, ao remediar de situações injustas ou à mera distribuição de conhecimento (Baptista, 2021, p. 89). Nos tempos atuais, a pressão imposta sobre os jornalistas impede-os de fazerem reportagens importantes para a dinamização do espaço público e para o reforço da democracia, mas o maior problema identificado pela própria classe é a falta de recursos económicos com o cartão de crédito a ser o novo lápis azul (Lopes, 2015).

3. Metodologias

Como se viu, existem argumentos que defendem que o jornalismo desportivo, apesar de ainda ser menosprezado, tem capacidade de produzir conteúdos com interesse público e que, inclusivamente, promovem sinergias com outras áreas, evitando meros relatos da bola a rolar. Ligando esta conceção à maneira como se tem definido o que é a reportagem, levanta-se a questão de partida: como é que o trabalho jornalístico no terreno ajuda a desvendar os problemas inerentes à realização do Mundial 2022 no Qatar? Uma resposta rápida leva-nos a dizer que a importância de mobilizar um jornalista para um acontecimento facilita o sentir o pulso ao ambiente e a procura de histórias, mas a questão é mais vasta. Por isso, a partir daqui desenvolve-se uma investigação que visa propor uma resposta a esta questão.

Decidiu-se então analisar os artigos redigidos pelo *The Athletic* por jornalistas presentes no Mundial 2022 de futebol, realizado no Qatar, entre 20 de novembro e 18 de dezembro de 2022. A escolha do órgão de comunicação deveu-se ao reconhecimento prévio da existência de um esforço de espriar as opções editoriais para lá do mero âmbito desportivo.

Para a realização de uma análise qualitativa de conteúdo, foram consideradas as categorias de reportagem definidas por Sodré e Ferrari (1986). A proposta destes autores divide-se em reportagem de factos, reportagem de ação e reportagem documental. A reportagem de factos é um relato objetivo e distante que, muitas vezes, mas não obrigatoriamente, respeita a escrita em pirâmide invertida, ou seja, por ordem de importância (Sodré & Ferrari, 1986). A reportagem de ação implica movimento, pois o importante é o desenrolar dos acontecimentos. Na passagem à escrita, a reportagem de ação procura ser atraente e permitir à audiência a visualização das cenas como num filme (Sodré & Ferrari, 1986). A reportagem documental apresenta o conteúdo de maneira objetiva e expositiva, acompanhado de citações que complementam e esclarecem os dados que vão sendo apresentados (Sodré & Ferrari, 1986). Entendeu-se também ser relevante fazer o levantamento daquilo que os autores apresentam como a reportagem-crónica (considerada um “namoro [do jornalismo] com a literatura”), isto é, textos que nascem de situações fortuitas e flagrantes do quotidiano com uma narrativa observadora ou reflexiva de carácter impressionista (Sodré & Ferrari, 1986).

Será dada especial atenção às reportagens de ação sendo algumas delas escalpelizadas como forma de destacar práticas de jornalismo imersivo, que só poderia ser feito no local. Para um melhor entendimento das vivências relativas ao que se passa no terreno foi possível entrevistar dois profissionais que passaram por essa experiência. Através das questões feitas aos jornalistas Oliver Kay e Matt Slater tentou-se perceber as dores de quem foi incumbido a função cobrir o Mundial 2022. As perguntas foram orientadas tendo em vista obter detalhes específicos e reflexões que o trabalho publicado possa não plasmar.

4. O *The Athletic*

O *The Athletic* nasceu em 2016 nos Estados Unidos. Este jornal digital especializado em desporto foi fundado por Alex Mather e Adam Hansmann para reforçar a proximidade dos adeptos com os atletas, clubes e instituições e para investir em jornalismo de profundidade, imersivo e em formato *storytelling* na área do desporto (The Athletic, 2016).

O impacto do *The Athletic* na cobertura desportiva na América do Norte e na Europa levou este órgão de comunicação a ganhar grande preponderância no contexto dos *media* desportivos. Assim, em 2022, o *The New York Times* adquiriu o *The Athletic* por 550 milhões de dólares como parte da estratégia para atingir os dez milhões de assinantes até 2025 (The New York Times, 2022). Este movimento de mercado levou mesmo, em 2023, o *The New York Times* a abolir a secção de desporto que ainda mantinha com mais de 35 jornalistas (Robertson & Koblin, 2023). Atualmente, o *The Athletic* conta com uma redação de mais de 450 pessoas (The Athletic, 2016) e publica cerca 150 artigos por dia (Robertson & Koblin, 2023).

5. Discussão dos resultados

A reportagem tem como principal característica ser pitoresca, ou seja, constrói imagens quase fotográficas que se tornam em descrições intuitivas (Vivaldi, 1993, p. 115). Tratando-se a reportagem de um gênero jornalístico que conta através da cor, do cheiro e que não rejeita as sensações de estar no local, esta pesquisa teve um especial foco na identificação de reportagens de ação, isto é, aquelas que, na visão de Sodré e Ferrari (1986), implicam movimento e procuram mostrar, mesmo que com palavras, o ambiente no qual o jornalista está a trabalhar, existindo um cuidado especial com o estilo. Entendeu-se que a reportagem de ação era o formato que mais aproveita os olhos do repórter no terreno para enriquecer o trabalho informativo. Ainda assim, esta ideia de se escrever o que se vê não é a única vantagem de colocar um jornalista no local dos acontecimentos, tal como abordaremos mais adiante.

Na cobertura que o *The Athletic* fez do Mundial do Qatar não ficaram de fora os 64 jogos a decorrer ao longo de um mês de competição. Ignorá-los é uma impossibilidade. Como veremos adiante, o equilíbrio entre o foco mais desportivo da cobertura e os assuntos paralelos à competição é desejável para desencorajar que se perpetue a ideia de que o desporto, apesar de ter uma importante função social, acaba por, no que ao jornalismo diz respeito, esvaziar-se em resumos dos jogos em si, em detrimento de se aproveitar a cobertura mediática para tratar problemas sociais importantes que inspirem um debate crítico, democrático e cultural (Oates & Pauly, 2007), o que, em última instância, leva a que se assuma a existência de uma recusa no desempenho do papel de serviço público (Hardin et al., 2009, p. 325).

Deste modo, não deixa de ser possível identificar uma preocupação com os temas que ultrapassam o âmbito futebolístico. De resto, o Qatar é um terreno pródigo para explorar em termos de informação com valor noticioso, pois a atribuição da prova a este país do Médio Oriente, em 2010, fez estalar um vasto debate em torno dos direitos humanos no local onde, 12 anos mais tarde, se viria a disputar o Mundial. Exploração abusiva de trabalhadores migrantes, violação dos direitos das mulheres, limitações à liberdade de expressão e violência contra a comunidade LGBT foram alguns dos tópicos que levaram a considerar que o Mundial 2022 se trataria de um atentado aos direitos humanos. A Human Rights Watch (2022), inclusivamente, produziu um guia para

repórteres de modo a facilitar o trabalho dos jornalistas interessados em abordar tópicos relacionados com os direitos humanos, incentivando os repórteres a “olharem além dos estádios modernos e dos novos e brilhantes hotéis” construídos de propósito para o Mundial em troca da vida de muitos trabalhadores que morreram no processo devido à falta de condições laborais.

No objeto de estudo foi possível verificar que existiu alguma preocupação em explorar estas realidades. Atentemos ao seguinte excerto da reportagem “FIFA want us to see the light – but World Cup in Qatar remains under a dark shadow” do jornalista Oliver Kay no *The Athletic*:

“É um edifício notável. Espetacular em *design*, enorme na escala, faz com que o indivíduo se sinta pequeno, insignificante e, no entanto, de alguma forma impressionado, o que, para além das utilizações práticas do centro, é a intenção. Durante o Mundial, o Centro Nacional de Convenções do Qatar foi usado como centro de *media* para jornalistas que cobrem o torneio. Possui enormes áreas de trabalho, enormes salas de conferências de imprensa, enormes refeitórios e até um enorme ‘estádio virtual’ onde os jornalistas sem credencial para um jogo são brindados com uma ‘experiência imersiva’ em enormes telas de cinema. Há ainda uma lavandaria e um salão de cabeleireiro no local. [...] Mas em vez de ver a luz, sinto mais do que nunca que o Mundial 2022 está a acontecer debaixo de uma sombra escura - tal como aconteceu com o último na Rússia, há quatro anos”¹.

A organização do Mundial do Qatar maquillou problemas socioeconómicos durante a competição. No entanto, o que os relatos dos jornalistas no local mostraram foi que os problemas se mantiveram, sendo que a presença destes profissionais foi essencial para divulgar uma perspetiva independente dos acontecimentos. Notemos o que acontece nesta reportagem do *The Athletic*, da autoria de Adam Crafton, intitulada “Watching the World Cup with Qatar’s migrant workers and hearing about their lives”, que é escrita com base na visita a uma espécie de gueto onde, por não terem dinheiro para bilhetes, os trabalhadores migrantes viam os jogos que decorriam nos estádios por eles construídos.

¹ Tradução livre. No original: “It is a remarkable building. Spectacular in design, enormous in scale, it leaves the individual feeling small, insignificant and yet somehow awe-struck, which, beyond the centre’s practical uses, is almost certainly the intention. For the duration of the World Cup, the QNCC has been used as a media centre for journalists covering the tournament. It has huge working areas, huge press conference theatres, huge dining areas, even a huge ‘virtual stadium’ where those journalists without match accreditation are treated to an “‘immersive experience’ on huge cinema screens. There’s even a laundry and a hairdressing salon on site. [...] But rather than seeing the light, I feel more than ever that Qatar 2022 is taking place under a dark shadow — just as the last one in Russia four years ago did”.

“À primeira vista, a Fan Zone Industrial é uma visão edificante. Homens da Índia, Nepal, Bangladesh, Filipinas, Quênia e Uganda coexistem harmoniosamente, desfrutando de jogos de futebol, conversando e refugiando-se da rotina diária. A marca da FIFA está presente em cartazes e uma mensagem, escrita em inglês, árabe e hindi, diz: ‘Obrigado pelas vossas contribuições para a realização do melhor Mundial de todos os tempos’. [...] Esta parte de Doha, localizada a cerca de 25 minutos de carro do centro, tem uma demografia muito diferente de Doha a que os adeptos estrangeiros se habituaram a ver durante a primeira semana do Campeonato do Mundo no centro da cidade. Há muito poucos qataris nesta região e muito poucos homens com os trajes tradicionais a andarem por aqui. Também quase não há mulheres à vista porque os trabalhadores são homens e esta zona é quase exclusivamente composta por trabalhadores migrantes”².

Novamente, verifica-se um afastamento dos estádios e uma aproximação às dinâmicas sociais locais, o que ajuda a um entendimento mais detalhado de uma realidade que, por vezes, é contada de forma pouco imersiva. Neste caso, são dados a conhecer casos concretos do que há por detrás das dificuldades que são referidas em textos mais factuais, mas que só com um repórter no local podem ser exploradas com maior afinco.

Um dos aspetos que vinha a intrigar os jornalistas desde que o Mundial 2022 foi atribuído ao Qatar era o desconhecido interesse do país pela modalidade. Aquando da concretização do torneio, assumia-se relevante compreender a cultura desportiva do lugar. Esse seria sempre um veículo propício a obter uma visão concreta sobre a proporcionalidade (ou falta dela) da megalomania da organização face ao verdadeiro desejo que a população autóctone tinha de acolher a prova. Seria então previsível que fosse preciso remexer no mundo em redor para encontrar a tal cultura desportiva qatari. Oliver Kay anunciava em “Cards, dominoes and suspicion: In search of Qatar’s football culture” que a ligação emocional do povo à modalidade que viu o seu apogeu competitivo ser levado para o Médio Oriente não estava escancarada.

² Tradução livre. No original: At first glance, the Industrial Fan Zone is an uplifting sight. Men from India, Nepal, Bangladesh, the Philippines, Kenya and Uganda co-exist harmoniously, enjoying ball games, chatting away and taking refuge from the daily grind. FIFA’s branding is present on signs and one message, written in English, Arabic and Hindi, reads: ‘Thanks for your contributions for delivering the best FIFA World Cup ever’. [...] This part of Doha, located around a 25-minute drive outside the centre, is a very different demographic to the Doha to which travelling supporters became accustomed during the first week of the World Cup in the city centre. There are very few Qataris in this neck of the woods and very few men in Qatari thobes wandering around. There are, also, almost no women in sight because the labourers are male and this zone is almost exclusively made up of migrant workers”.

“O Qatar não é uma nação de futebol. Sim, o jogo é uma parte integrante da visão do Estado para ganhar amigos e influência no panorama global – e tem sido bem-sucedido ao longo da última década. Mais, é uma pequena nação que se tornou num ator muito importante em termos geopolíticos e diplomáticos. Mas não se constrói uma cultura futebolística de um dia para o outro”³.

Com algum cirandar, fator indispensável quando se está em reportagem, Oliver Kay foi percebendo que, entre os qataris, existia alguma alienação perante o corrupio do Mundial, sendo que nem a transmissão televisiva dos momentos mais marcantes lhes interessou.

“Um habitante local, que não é do Qatar, sugeriu que o local para os encontrar era um café de pescadores logo a seguir à Corniche. É um dos estabelecimentos mais antigos de Doha e é onde os pescadores tradicionalmente vão para relaxar, jogar cartas ou dominó, talvez fumar shisha depois de um dia no mar. E estão a exibir os jogos do Mundial num ecrã gigante. Perfeito. [...] Quando a cerimónia de abertura começou, quem estava dentro do café ficou brevemente paralisado pela cobertura do beIN Sports. Mas não por muito tempo. Arrastou-se, como acontece nas cerimónias de abertura. Os jogos de dominó e de cartas continuaram”⁴.

Para este desbloquear de sensações face ao comportamento dos locais, também contribuiu Michael Cox. Vejamos como, de forma dissimulada, o jornalista consegue transformar uma peça sobre o jogo Países Baixos-Qatar num retrato do panorama futebolístico do país anfitrião.

“Hoje marcou o fim da participação do Qatar. Já foram matematicamente eliminados, mas a derrota por 2-0 com a Holanda no Estádio Al Bayt -

³ Tradução livre. No original: “Qatar is not a football nation. Yes, the game is integral to the state’s vision of gaining friends and influence on the global stage — and it has been successful over the past decade and more, a tiny nation that has become such a major player in geopolitical and diplomatic terms. But you cannot build a football culture overnight”.

⁴ Tradução livre. No original: “One local, not a Qatari, suggested the place to find them was at a fishermen’s cafe just beyond the Corniche. It’s one of the oldest establishments in Doha and it is where the fishermen traditionally go to relax, play cards or dominoes, perhaps smoke shisha after a day at sea. And they are showing the World Cup matches on a big screen. Perfect. [...]When the opening ceremony started, those inside the cafe were briefly transfixed by the beIN Sports coverage. But not for long. It dragged, as opening ceremonies do. The dominoes and card games continued”.

essencialmente no meio do nada, 50 km a norte de Doha - completou um hat-trick de derrotas”⁵.

Aparentemente, no primeiro parágrafo de “No wins, few fans... Qatar prove it’s time for every side to earn World Cup place”, parece tratar-se da mera informação sobre o resultado do encontro. No entanto, continuando a leitura, nota-se que este serve apenas como gancho para analisar a realidade competitiva da seleção do Qatar.

“A partir de 2026, serão 48 as nações a competir. E, para ser franco, quem não se consegue qualificar quando há tantas vagas disponíveis, não merece estar lá. Curiosamente, a FIFA ainda não decidiu se os Estados Unidos, o México e o Canadá se qualificarão automaticamente dentro de três anos e meio. Com base neste Mundial, esse trio não terá problemas de qualificação e pode até preferir jogos oficiais em vez de uma série de amigáveis. [...] O contra-argumento, claro, é que um Mundial perderia algo sem a emoção de um país anfitrião a competir, mas a paixão pelo futebol não tem sido aqui esmagadoramente evidente. Na verdade, fora do parque de diversões da FIFA, o sinal mais óbvio do desporto em Doha – uma cidade onde há duas vezes mais indianos do que catarianos – tem sido a visão frequente de multidões de crianças a jogar críquete”⁶.

O Mundial, enquanto megaevento desportivo responsável por investimentos milionários, impulsionador de audiências, da cobertura mediática e terreno fértil para a publicidade (Mourão, 2019), é também a plataforma que muitos consideram a ideal para manifestações políticas (Nikolaou et al., 2023, p. 14). Uma das grandes controvérsias que assolou o Mundial do Qatar foi a situação do Irão. A morte de Mahsa Amini, em setembro de 2022, suscitou a reivindicação dos direitos das mulheres e, como resposta, o regime opressivo do país intensificou a perseguição aos seus opositores, desencadeando ações de desobediência civil. Já Vegar (2001, p. 9) destacava que situações limite e de conflito são naturalmente propícias ao trabalho jornalístico.

⁵ Tradução livre. No original: “Today marked the point when Qatar’s participation ended. They were already mathematically eliminated, but their 2-0 loss to the Netherlands at the Al Bayt Stadium — essentially in the middle of nowhere, 50km north of Doha — completed a hat-trick of defeats”.

⁶ Tradução livre. No original: “From 2026, there will be 48 nations competing. And, to be frank, if you can’t qualify when there are that many available slots, you don’t deserve to be there. Interestingly, FIFA has not yet decided whether the United States, Mexico and Canada will all qualify automatically in three and a half years’ time. On the basis of this World Cup, that trio won’t have any problems qualifying, and might actually prefer competitive matches rather than a series of friendlies. [...] The counter-argument, of course, is that a World Cup would lose something without the excitement of a home nation competing, but football passion hasn’t been overwhelmingly evident here. Indeed, away from the FIFA carnival, the most obvious sign of sport in Doha — a city where there are twice as many Indians as Qataris — has been the regular sight of crowds of children playing cricket”.

O selecionador do Irão ao longo da competição, Carlos Queiroz, chegou mesmo a confrontar uma jornalista da BBC com as perguntas de teor político que a mesma realizou durante uma conferência de imprensa. Nas ruas e nos estádios do Qatar, as manifestações de apoio às mulheres e à liberdade no Irão foram uma constante – mesmo que a FIFA as tenha tentado limitar ao máximo. Não abordar jornalisticamente este fenómeno era deixar de fora da cobertura um dos assuntos mais efervescentes daquele momento específico. Por exemplo, Charlotte Harpur, do *The Athletic*, escreveu um texto, o qual intitulou de “Detained at the World Cup for wearing a ‘Women Life Freedom’ T-shirt”, que, além de ser um exemplo de uma reportagem de ação, pois nasceu da movimentação da jornalista pelo local a acompanhar três iranianos, aprofunda as tomadas de posição dos ativistas.

“Enquanto o trio caminhava para o segundo jogo do Irão – contra o País de Gales, o quarto jogo do Mundial – na sexta-feira, 25 de novembro, eles sentiram uma diferença marcante em relação ao jogo do Irão contra a Inglaterra. Isso levou-os a tapar as *t-shirts* para encobrir o *slogan*. ‘Muitas pessoas pareciam exatamente com pessoas do regime que conhecemos no Irão’, disse Saeed ao *The Athletic*. ‘As pessoas pró-governo basicamente vêm em grandes grupos. Sabíamos que algo estava diferente’. Quando Saeed, Negin e Kiyarash entraram na bilheteria do Estádio Ahmed bin Ali, foi-lhes solicitado que levantassem a parte de cima da roupa. Os seguranças viram as *t-shirts* com o *slogan* e não permitiram a entrada”⁷.

Não seria este o único exemplo em que o *The Athletic* viria a utilizar a situação política do Irão de modo a enganchar um tratamento para-desportivo do Mundial. O assunto voltaria a ser abordado em “Female Iran fans fear state ‘spotters’ are spying on them at World Cup games”. Nesta situação, Laura Williamson e Adam Crafton debruçam-se sobre episódios de mulheres, não identificadas para salvaguarda da sua proteção, que alegam estarem a ser perseguidas pelo governo. Note-se como, neste excerto em particular, só depois de já se conhecerem outros pormenores da história é feito o enquadramento desportivo, uma secundarização que não deixa de ter o seu significado.

⁷ Tradução livre. No original: “As the trio were walking to their second Iran game — against Wales, the fourth match they had been to at the World Cup — on Friday November 25, they felt a marked difference to the Iran against England game. It prompted them to put on an extra layer over their T-shirts to cover up the slogan. ‘A lot of people looked exactly like those regime people that we know from Iran’, Saeed tells *The Athletic*. ‘Pro-government people basically are coming in big, big groups. We knew that something was different’. As Saeed, Negin and Kiyarash walked into the ticket check at the Ahmed bin Ali Stadium, they were asked to pull up their top layers. Security saw the T-shirts with the slogan and did not allow them to enter”.

“A mulher estava a ficar histérica e, parada à porta do Estádio Internacional Khalifa, soluçava. É iraniana e, embora já não viva no país, pensou ter reconhecido alguém que ainda lá vive: um homem que acreditava ser um funcionário do governo iraniano e que viu a filmá-la e a outras mulheres antes e durante a vitória da Inglaterra por 6-2 sobre o Irão no Mundial”⁸.

O tratamento jornalístico da figura de Carlos Queiroz, português que foi selecionador do Irão durante o Mundial 2022, pode interessar a futuras investigações devido à diferença de tratamento de que foi alvo. A imprensa internacional quase que exigiu que o técnico fosse um porta-voz da reivindicação das causas do povo. Ao mesmo tempo, a imprensa nacional focou-se no seu passado desportivo, evitando inconvenientes ao compatriota.

Ter um repórter no local possibilita explorar temas variados. O acesso aos bastidores é outro dos casos em que só quem se desloca ao local dos acontecimentos é que pode relatar. Ao longo da análise, foram detetados vários exemplos disso, notando-se um esforço por parte da imprensa escrita em trazer um olhar interno que habitualmente escapa ao grande público por não aparecer nas televisões. O *The Athletic* vai ainda mais longe e faz uma reportagem no centro de treinos da seleção inglesa e da seleção norte-americana durante a competição (“Inside England and USMNT’s World Cup training facilities in Qatar”, de Joey D’Urso e Adam Crafton).

“O Estádio Saoud bin Abdulrahman não é um dos novos empreendimentos, é uma infraestrutura mais antiga e pequena. Normalmente, é a casa do Al Wakrah SC. [...] O local conta com instalações de treino e ginásio. Há matraquilhos nos corredores. Há também uma cantina com cadeiras de plástico e papel de parede berrante com uma tela que em breve poderá ser utilizada para instruções táticas. É tudo muito agradável, mas não luxuoso, e estará muito longe das instalações dos clubes da Premier League”⁹.

⁸ Tradução livre. No original: “The woman was becoming hysterical, standing outside the Khalifa International Stadium and sobbing. She is Iranian and, although she no longer lives in the country, she thought she had recognised somebody who does: a man she believed was an Iranian government official whom she saw filming her and other women before and during England’s 6-2 win against Iran at the World Cup.”.

⁹ Tradução livre. No original: “The Saoud bin Abdulrahman Stadium is not one of the new developments, but an older, smaller facility. It is usually home to Al Wakrah SC. [...] The site has training facilities and a gym. There is table football in the corridors. There is also a canteen with plastic chairs and garish wallpaper with a big screen which may soon be used for tactical instructions. It is all very pleasant, but not luxurious, and will be a far cry from the facilities at Premier League clubs”.

Outra das tarefas do repórter é encontrar histórias a partir do olhar. Alcoba López considera que essa é mesmo uma das principais tarefas dos enviados especiais, ou seja, destacar temas que detete no local para onde se deslocou que tenham interesse para serem publicados no meio onde trabalha. O repórter passa a ser fonte da notícia por via da observação direta (2005, p. 101). Veja-se como o *The Athletic* se juntou à viagem dos adeptos da Arábia Saudita até ao Qatar e construiu uma história em torno das sensações recolhidas num trajeto de autocarro. O texto intitulou-se “Travelling with Saudi fans: 100 buses, sympathy for Messi and a World Cup shock for the ages” e foi assinado por Matt Slater.

“A vida é tranquila quando se segue a corrente. O *The Athletic* terá tirado uma fotografia aos rostos dos guardas fronteiriços do Qatar quando lhes explicou que o seu repórter tinha chegado à fronteira de táxi vindo de Doha, tinha mandado esse táxi embora e agora queria apanhar um autocarro de volta para Doha com os adeptos sauditas que estavam atrás daquela enorme vedação, mas eles tinham armas, verdadeiras, e achavam que o repórter era um perigo. Para si próprio. [...] Dos primeiros 10 companheiros de viagem com quem falámos, apenas o sonolento Omar sonhava alto. «A Arábia Saudita ganhará, claro», diz. “A minha previsão de resultado é, talvez, 2-0 para a Arábia Saudita»”¹⁰.

Em “How much is the air conditioning at World Cup stadiums affecting players?” foi explorada uma das novidades do Mundial 2022. Os estádios modernos, construídos propositadamente para a competição, estavam equipados com um sistema de ar condicionado, o que, a certo ponto da prova, afetou o desempenho dos jogadores.

“Parecia bizarro e impossível climatizar completamente um estádio sem cúpula, mas funciona através de uma série de bicos ao redor dos bordos do campo que lançam jatos de ar em diferentes velocidades e ângulos para cobrir a maior parte da área de jogo. Bicos debaixo das cadeiras das bancadas também arrefecem o ar para os espetadores. [...] Antony entrou em todos os

10 Tradução livre. No original: “Life is smooth when you go with the flow. The Athletic would have taken a picture of the Qatari border guards’ faces when it explained to them that its reporter had arrived at the border by taxi from Doha, had sent this taxi away and now wanted to get on a bus back to Doha with the Saudi fans behind that huge fence, but they had guns, real ones, and they thought the reporter was a danger. To himself. [...] Of the first 10 fellow travellers we spoke to, only sleepy Omar was dreaming big. «Saudi Arabia will win, of course,” he says. “My score prediction is maybe 2-0 for Saudi Arabia””.

jogos do Brasil e, como ele mesmo diz, não é o único jogador a ter sofrido. [...] Wout Weghorst também defendeu os sistemas de refrigeração”¹¹.

O repórter apresenta uma visão do local onde se encontra. Afinal, um ponto de vista é apenas uma vista a partir de um ponto, logo, quantos mais jornalistas mostrarem o seu local de observação, mais a audiência está habilitada a construir a sua própria imagem ou opinião sobre um assunto ou um local (Sousa, 2002, p. 7-8). “Aliando o rigor investigativo à experiência do repórter, a subjetividade desponta no jornalismo de forma a agregar sentidos à narrativa jornalística, além de possibilitar relatos mais autorais” (Barretos, 2016, p. 6). Por isso, não é desnecessário que os jornalistas assumam um relato das suas próprias experiências no terreno, adicionando ao trabalho uma certa subjetividade na medida em que a visão de uma pessoa é única, depende do sítio onde se encontra e é condicionada pelo local para onde se olha. A reflexão precedente entronca naquilo que Traquina (2005, p. 16-19) aponta ser o questionamento em relação à velha teoria de que as histórias jornalísticas são o reflexo da realidade. Ao longo da investigação, foi verificado que os jornais em análise não se coíbem de trabalharem temas mais específicos. Neste caso, o *The Athletic* foi quem mais apostou neste tipo de conteúdo. Em “Like your World Cup football with a pint? In search of a beer in Doha...” é explorado outro dos assuntos debatidos em relação ao Mundial do Qatar: a suposta proibição de venda de álcool fora das zonas de animação oficiais do torneio. Assim, Joshua Kloke relatou a aventura que viveu para conseguir beber cerveja.

“Desde o momento em que as portas do elevador se abriram para o 20.º andar do Hotel Alwadi, soube que não queria estar aqui. Os sons agressivamente altos de “I Wanna Be Somebody” de Marc Philippe quase me fizeram recuar. Continuei e entrei no *lounge* infinito da cobertura do Alwadi. As luzes rosa brilhantes e o centro giratório de atividades lembraram-me: os lugares mais chiques de Doha são os bares na cobertura e são os lugares onde se vai para ser visto. Fui direto ao bar e aponte primeiro para a torneira Stella Artois antes de pensar melhor. Movi o meu braço em direção à Budweiser e ainda me disseram que a cerveja custaria cerca de 13 libras”¹².

11 Tradução livre. No original: “It sounded bizarre, and impossible, to completely air-condition a non-domed stadium, yet it works via a series of nozzles around the edge of the pitch that blast jets of air at different speeds and angles to cover as much of the playing area as possible. Nozzles beneath the seats in the stands also cool the air for spectators. [...] Antony came through to play a part in all of Brazil’s matches and as he says, he is not the only player to have suffered. [...] Wout Weghorst defended the cooling systems, too”.

12 Tradução livre. No original: “I knew from the moment the elevator doors opened onto the 20th floor at the Alwadi Hotel that I did not want to be here. The aggressively loud sounds of Marc Philippe’s “I Wanna Be Somebody” almost made me recoil. But I

Do mesmo modo, Matt Slater mostrou aos leitores do *The Athletic* como é possível assistir a quatro jogos do Mundial no mesmo dia. “Four World Cup games in a day: 11 (of 14) goals seen, 24,000 steps and Ronaldo’s ‘Hair of God’” é o resultado dessa experiência.

“Tinha ido de uma ponta à outra de Doha seis vezes, vi 11 dos 14 golos do dia e provei que o Qatar não estava a brincar quando decidiu fazer da sua “compactação” uma virtude, dizendo que os adeptos poderiam ver mais do que um jogo por dia. Muitos questionaram essa afirmação na preparação para o torneio. Será que os qataris (novatos, neste tipo de coisa) conseguiriam fazer com que as pessoas entrassem e saíssem dos estádios a tempo? A rede de transportes públicos aguentaria? Alguém realmente quereria assistir a mais de um jogo por dia?”¹³.

Dizem as regras básicas da escrita jornalística que o recurso à primeira pessoa só deve ser realizado em circunstâncias muito particulares. Existe sempre a preferência por contar uma história através da voz de outras pessoas. Acontece que, por vezes, é o jornalista que mais sofre as dores provocadas pelo contexto. Adam Crafton é um repórter assumidamente gay num país assumidamente contra a homossexualidade. Assim, resolveu elaborar um relato (“Confusion, exasperation and dating apps – my month as a gay reporter at the Qatar World Cup”) sobre a experiência.

“Pela primeira vez na minha vida, fui confrontado, pessoalmente, por um cartaz a dizer que não era bem-vindo. Por toda a capital do Qatar, víamos frequentemente bandeiras, geralmente das 32 nações que estavam a competir no Mundial. Desta vez, ao lado das bandeiras nacionais do Qatar e de uma faixa que dizia “Bem-vindo”, vi um pedaço de papel: uma bandeira arco-íris com um símbolo de entrada proibida por cima. Por baixo dela, em letras vermelhas, dizia: “Proibido no Qatar”. [...] Nesta história, não sou neutro e

persevered and walked into the Alwadi’s infinity rooftop lounge. The bright pink lights and swirling hub of activity reminded me: the swankiest places in Doha are the rooftop bars and they are the places you go to be seen. I beelined to the bar and first pointed at the Stella Artois tap before thinking better of it. I moved my arm right towards the Budweiser and was still told the pint would be around £13”.

13 Tradução livre. No original: “I had gone from one end of Doha to the other six times, seen 11 of the day’s 14 goals and proven that Qatar was not kidding when it decided to make a virtue out of its “compactness” by saying fans would be able to see more than one game a day. Many questioned that claim in the build-up to the tournament. Would the Qataris (novices, at this kind of thing) be able to get people in and out of stadiums in time? Would the public transport network hold up? Does anyone actually want to watch more than one game a day?”.

não vou fingir que sou. Acredito que as pessoas não devem ser discriminadas pela forma como nasceram. Eu acredito nos direitos e nas liberdades”¹⁴.

A reportagem de ação, em especial quando articulada com a cobertura simultânea de jogo – com hora e local que não podem ser alterados – exige o acesso a certos meios. Alguns órgãos de comunicação mais limitados nesse aspeto recorrem à reportagem-crónica que é resultado de uma luta entre não se poder ignorar o lado desportivo da competição e uma necessidade básica dos jornalistas que é contar as histórias inerentes. Por isso, a reportagem-crónica é uma mistura entre as duas coisas, pois sabe-se que “por razões de ordem económica, por incorretas opções editoriais, ou por uma gestão errada dos recursos humanos, os repórteres não são aproveitados nas suas potencialidades e à reportagem não é conferida a importância e o realce devidos” (Castanheira, 1998, p. 9-10). Na maior parte dos casos, junta-se o jogo a decorrer com uma descrição do ambiente no interior e exterior do estádio.

A investigação evidenciou que a linguagem da reportagem é uma das características que diferencia este género. A constatação não é propriamente uma novidade. De qualquer modo, ao longo da análise aqui levada a cabo ficou patente que a elevação que a linguagem dá à reportagem só pode ser conseguida com um repórter no local. Por vezes, não basta dizer que está frio ou calor para que o leitor se sinta dentro do cenário da enunciação e seja transportado mentalmente para o mesmo. A descrição detalhada torna a narrativa mais crua, perceptível e explícita, ajudando à vivacidade do relato. Vejamos como em “S-E-N-E-G-A-L: Spending matchday with the Seven Letters”, a jornalista Charlotte Harpur faz uso de todas as potencialidades da linguagem da reportagem.

“Há silêncio no autocarro lotado. A atmosfera mudou repentinamente. Existe nervosismo. As pessoas rezam, usam os dedos ou miçangas para contar. Tudo o que se pode ouvir são murmúrios fracos, *pings* do WhatsApp e a rotação do motor. O grupo de 150 adeptos do Senegal, le 12eme Gainde (o 12.º Leão), está a caminho do Estádio Al Bayt, 50 km a norte de Doha, onde a sua equipa enfrentará a Inglaterra nos oitavos de final do Mundial. Uma explosão de

14 Tradução livre. No original: For the first time in my life, I was confronted, in person, by a sign telling me I was not welcome. Across Qatar’s capital, we often saw flags, usually for the 32 nations competing at the World Cup. This time, alongside Qatari national flags and a banner saying, “Welcome”, I saw a piece of paper: a rainbow flag with a no-entry symbol over the top of it. Beneath it, in red letters, the sign said: ‘Not allowed in Qatar’. [...] In this story, I am not neutral and will not pretend to be. I believe that people should not be discriminated against for the way they are born. I believe in rights and freedoms”.

verde, amarelo e vermelho cobre o autocarro, todos os assentos estão ocupados, as pessoas ficam no corredor, de cabeça baixa. Na parte de trás do autocarro estão sentados sete homens taciturnos. Cada um deles tem uma letra verde pintada no peito branco. Esta é a jornada das ‘Sete Letras’ do Senegal, músicos e dançarinos, os adeptos que tantas vezes viram na TV durante o Mundial”¹⁵.

Além de tudo isto, existe ainda mais uma vantagem óbvia de estar no terreno que é o contacto com as fontes de informação. É do contacto com os protagonistas que nascem reportagens com histórias diferenciadoras. Acontece que, no meio desportivo, a disponibilidade de jogadores e treinadores para falarem com os jornalistas, quer por vontade própria, quer por indicação dos serviços de assessoria, é muito reduzida, preferindo limitar-se o mais possível a canais oficiais (Lopes, 2015; Borges, 2019). Apesar de tudo, na cobertura do Mundial, o *The Athletic* conseguiu fazê-lo com frequência, tendo possibilidade de fazer perguntas e explorar a fundo um determinado assunto.

15 Tradução livre. No original: “It is silent on the packed bus. The atmosphere has suddenly changed. There are nerves. People are praying, using their fingers or beads to count. All you can hear are faint murmurs, WhatsApp pings and the rev of the engine. The 150-strong Senegal fan group, le 12eme Gainde (the 12th Lion), are on their way to Al Bayt stadium, 50km north of Doha, where their team face England in the World Cup round of 16. An explosion of green, yellow and red washes over the coach, every seat is taken, people stand in the aisle, heads bowed. At the back of the bus sit seven taciturn men. They each have a green letter painted on their white torso. This is matchday with Senegal’s ‘Seven Letters’, musicians and dancers, the fans you will have seen on your TV so many times during this World Cup”.

6. Ver o que os poderes querem que seja escondido

Oliver Kay e Matt Slater foram dois dos jornalistas enviados ao Qatar pelo *The Athletic*. Neste capítulo, inclui-se o testemunho prestado por ambos a esta investigação para aprofundar o tema em análise através de experiências concretas.

Em 2002, Oliver Kay era um jovem jornalista acabado de chegar à redação do *The Times*. Por questões orçamentais, o jornal londrino pediu um número limitado de credenciações para o Mundial que, nesse ano, decorreu na Coreia do Sul e no Japão. A inexperiência de Oliver Kay levou a que não fosse um dos selecionados para viajar para o continente asiático para fazer a cobertura do evento no local. Duas décadas mais tarde, tornou-se jornalista do *The Athletic* e ganhou mais crédito nas redações britânicas. Por isso, foi um dos enviados especiais ao Qatar e trabalhou no terreno ao longo do Mundial 2022.

“É importante cobrir eventos como um Mundial no local em vez de permanecermos na redação”, afirma. Recordando a experiência de 2002, “desmoralizadora” até por causa da diferença horária, Oliver Kay sentiu que “não tinha um verdadeiro entendimento do que se passava” na Coreia do Sul e no Japão. Ter a possibilidade de “ver na televisão repetições de diferentes ângulos” dos lances que decorrem a grande velocidade no relvado e usufruir da calma para escrever textos baseados na “análise de dados” são as únicas vantagens que deteta em relação a estar num local afastado dos acontecimentos. De resto, é mais o que se perde do que aquilo que se ganha com um trabalho jornalístico remoto. “A cor à volta do evento, o acesso aos protagonistas no pós-jogo [em zonas mistas e conferências de imprensa], a importância de construir ligações e falar com pessoas que se relacionem com a história que se está a contar, é tudo muito importante e não o consegues fazer a partir da redação”.

No Qatar, Oliver Kay sentiu o “enorme” benefício que foi o *The Athletic* ter vários jornalistas no terreno que permitissem uma cobertura abrangente e não limitada aos jogos propriamente ditos. “Ter pessoas espalhadas pelo Qatar permite-nos ir a algum lado e trabalhar numa história específica em vez de termos seis ou sete redatores apenas a irem a jogos todos os dias e a fazerem conferências de imprensa de pré e pós-jogo. Anteriormente, já estive nessa situação e tens um menor entendimento da competição no geral”.

Matt Slater foi outro dos enviados do *The Athletic* ao Mundial 2022. Divide os objetivos da cobertura de “um dos maiores eventos desportivos do planeta” em dois grandes eixos. Primeiro, o “normal conteúdo relacionado com o Mundial – quem vai ganhar, como se estão a sair as seleções sobre as quais os leitores têm interesse”. Depois, “o Qatar em si”, enquanto país anfitrião da prova com particularidades sociopolíticas às quais o futebol não é alheio. “Claro que os leitores querem saber quem ganhou e quem perdeu, mas também o que acontece além disso. Eles querem ouvir os principais protagonistas, mas também descobrir novos nomes. Os jornalistas têm de fazer pesquisa, filtrar e hierarquizar o bom conteúdo para que o possam entregar de forma entretida e acessível”.

Para poderem abordar temas desconhecidos do público, os repórteres têm que eles próprios encontrar e conhecer com profundidade o assunto. Inerente a esse processo está a exploração do ambiente circundante e o contacto com pessoas familiarizadas com os tópicos a abordar. Trata-se daquilo que Matt Slater diz ser sentir o evento “*on our beat*”, ou seja, embrenhar-se nele mesmo que “não exista tempo ou dinheiro, nem seja bom para a saúde” dar resposta a tudo. “Os jornalistas devem sempre querer ver e ouvir as coisas por si próprios. A nossa profissão é investigar e isso significa observar, falar com pessoas relevantes, desafiar ideias preconcebidas e estereótipos, escrutinar os poderes e testemunhar. A alternativa é reescrever notas de imprensa ou ver as coisas através de ecrãs, mas que valor é que estamos a acrescentar?”.

O Qatar é especialmente pródigo para a exploração de temas paralelos à competição. O país não assegura os direitos dos trabalhos migrantes, a homossexualidade é ilegal e não há tradição de existência de imprensa livre. Na perspetiva de Matt Slater, o contexto do Mundial 2022 não pode passar ao lado da cobertura jornalística. “Nada acontece de forma isolada”, justifica. “Se só quiséssemos saber do futebol e nada mais além disso, podíamos poupar tempo e dinheiro apenas a ver jogos amadores que decorrem na nossa vizinhança”. Esta é uma ideia que Oliver Kay corrobora. “O custo social daquele que é o maior espetáculo na Terra é muitas vezes tratado como se fosse um assunto colateral, mas, neste caso, serviu literalmente para construir os estádios do torneio”. E completa: “O trabalho jornalístico baseou-se no que aconteceu em campo, em peças sobre o brilhantismo de Lionel Messi ou Kylian Mbappé, mas também houve uma enorme cobertura sobre o significado social do torneio”.

Os dois jornalistas do *The Athletic* deram conta de que a visão que lhes era apresentada do Qatar estava a ser adulterada pelo departamento de relações públicas dos organizadores da prova na visão dos quais todos os problemas eram inexistentes. Ambos perceberam então que as fontes oficiais – sendo a FIFA a mais premente – seriam pouco úteis naquele contexto. Para fugirem a uma visão desvirtuada das coisas, preferiram ver com os seus próprios olhos a realidade que sentiram que lhes estava a ser escondida. “Como jornalista independente tens que ir além disso”, explica Oliver Kay. O futebol é “a coisa mais importante na vida de algumas pessoas” e “é uma grande indústria por si só” motivo pelo qual “governos e empresas querem controlá-lo e usá-lo para os seus próprios fins”, reflete Matt Slater.

Por toda a controvérsia que envolveu a atribuição do Mundial ao Qatar, trabalhar no local durante a competição teve desafios acrescidos. Matt Slater enumera alguns deles: “Não há o conceito de imprensa livre e independente, existe uma barreira linguística e cultural, falta de lugares seguros para falar com trabalhadores migrantes, há desconfiança quanto a jornalistas ocidentais e não existe uma cultura de responsabilização dos poderes, de contar histórias e de investigar escândalos”. Por isso, aponta Oliver Kay, o Qatar “não é um sítio fácil para se obterem respostas”.

Conclusões

O jornalismo desportivo vive rotulado a uma ideia de que não produz informação de interesse público. Tal acontece, porque muitos consideram que o jornalismo desportivo é baseado na antevisão e descrição de eventos (Rowe, 2007, p. 387). Como foi sendo exposto ao longo do trabalho, esta conceção não podia estar mais longe da realidade.

A produção de conteúdos sobre desporto não pode rejeitar o ambiente em que se insere. Portanto, os megaeventos desportivos como foi o caso do Mundial 2022 que se realizou no Qatar, são um terreno fértil a explorar jornalisticamente por repórteres, em especial aqueles que recusam a ideia de que, por se terem especializado em desporto, não devem aprofundar as histórias que escapam ao mero relato da bola a rolar.

O repórter ganha principal foco neste contexto. O investimento num enviado especial contribuiu para uma diversificação das histórias, para um contacto direto com os protagonistas, para facilitar a recolha de notícias e para levar a audiência para o local onde o profissional se encontra. Naturalmente, uma peça de um jornalista que se encontre no local dos acontecimentos vai ser diferente da peça de outro jornalista que se encontre a trabalhar o mesmo tema à distância. Ao repórter no local é-lhe dada a possibilidade de evidenciar o detalhe que só ele consegue ver e de, através das palavras, dar conta das sensações que ele próprio está a viver. Quando o jornalista está no local, quase que acaba por tropeçar nas histórias que vai contar ao seu público.

Mesmo nos momentos em que a cobertura desportiva possa não conceder informação crucial, esta deve “oferecer narrativas culturais que moldem a compreensão das identidades de grupo e das relações da sociedade democrática” (Oates & Pauly, 2007, p. 336). Além disso, as histórias sobre desporto dão conta de “valores comunitários, de sacrifício, de conquistas de grupo, do poder do indivíduo e do capricho de hierarquias sociais” (Oates & Pauly, 2007, p. 346). Por isto mesmo, a reportagem, independentemente do tema que aborde, “deve ser profunda e não apenas o que se passa, como também o que se passa dentro do que acontece” (Vivaldi, 1993, p. 103), porque, “jornalisticamente, informar é mais do que uma obra de misericórdia: é uma obrigação da comunicação social” (Vivaldi, 1993, p. 85).

Ao longo desta investigação observou-se que no *The Athletic* existiu um esforço para, ao longo do Mundial 2022, tratar temas que fogem ao que se passa exclusivamente

dentro das quatro linhas. Multiplicam-se bons exemplos no quais a imersão é explorada como forma de aproveitar um repórter no terreno. Foi através desse método que os jornalistas serviram os seus leitores com um escrutínio da verdade. Como os próprios referiram. O Mundial do Qatar foi-lhes apresentado como um produto sem defeitos. A possibilidade que, estando no local, lhes foi dada de explorarem as redondezas dos jogos confirmou-lhe aquilo que já suspeitavam: a competição foi revestida por um frágil embrulho de perfeição desfeito com a minúcia de profissionais independentes. O trabalho dos jornalistas revelou verdades inconvenientes para a organização, nomeadamente no que diz respeito a direitos humanos.

Os jornalistas que viajaram para o Médio Oriente para cobrirem o Mundial 2022 assumiram que o Qatar trouxe desafios específicos à profissão que desempenham. Desde logo, o facto de investigar e questionar não ser bem visto num país sem tradição de imprensa livre. Depois, porque o trabalho de relações públicas do evento inquinava a visão dos acontecimentos. Ver com os próprios olhos foi mesmo o melhor antídoto para combater os obstáculos e corresponder à expectativas de uma cobertura jornalística que sirva ao público uma visão real do megaevento.

Bibliografia

- Alcoba López, A. (2005). *Periodismo deportivo*. Editorial Síntesis.
- Baptista, C. (2021). Cuidar o sensível: ética da reportagem e experiência democrática. In *Manual de Reportagem - REC* (pp. 77–94). LabCom.
- Barata-Feyo, J. M. (Ed.). (2006). *Grande Reportagem* (1st ed.). Oficina do Livro.
- Barretos, D. (2016). *A Subjetividade nas Narrativas Jornalísticas e suas Implicações em “O nascimento de Joicy.”*
- Bonixe, L. (2021). Introdução: A reportagem e a especificidade das plataformas. In *Manual de Reportagem - REC* (pp. 123–126). LacCom.
- Borges, F. V. (2019). Os clubes de futebol e novas formas de produzir a informação desportiva. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, 8, 119–133. https://doi.org/10.14195/2183-6019_8_8
- Castanheira, J. P. (1998). *Serviço de Reportagem* (J. Vegar, Ed.; 1st ed.). Editorial Notícias.
- Cerqueira, R. (2006). B. I. Mundial. In *A TV do Futebol* (pp. 11–15). Companhia das Letras.
- Coelho, P. (2021). *Os Desafios do Jornalismo de Investigação: A Responsabilidade do Jornalista*. Setente e Quatro. <https://setentaequatro.pt/ensaio/os-desafios-do-jornalismo-de-investigacao-responsabilidade-do-jornalista>
- Coelho, P., Reis, A. I., & Bonixe, L. (2021). *Manual de Reportagem - REC*. LabCom.
- Daniel, C. (2006). Entre a paixão e o rigor. In *A TV do Futebol* (pp. 37–44). Companhia da Letras.
- Fernandes, J. M. (2014). *Tudo o que precisa de saber sobre o Observador*. Observador. https://observador.pt/explicadores/tudo-o-que-precisa-de-saber-sobre-o-observador/?cache_bust=1690192464177
- Godinho, J. (2009). *As Origens da Reportagem - Imprensa*.
- Gomes, A. (2021). Prefácio. In *Manual de Reportagem - REC* (pp. 13–26). LabCom.

- Horky, T., & Nieland, J.-U. (Eds.). (2013). *International sports press survey 2011* (BoD–Books on Demand, Vol. 5).
- Human Rights Watch. (2022). *Human Rights Guide For Reporters: 2022 FIFA World Cup in Qatar*.
- Jørgensen, S. S. (2005). The World’s Best Advertising Agency: The Sport Press. *International Sports Press Survey 2005*.
- Lopes, F. (2006). A informação desportiva da TV dirige-se aos sentidos ou ao pensamento? In *A TV do futebol* (pp. 78–89). Companhia das Letras.
- Lopes, F. (2015). *Jornalista: Profissão Ameaçada*. Alêtheia Editores.
- Lopes, F., & Pereira, S. (2006). Quando a bola para e pensa o futebol... In *A TV do futebol* (pp. 7–10). Campo das Letras.
- Marinho, S., Coelho, P., & Júnior, L. G. (2021). O ensino da reportagem em Portugal e no Brasil. In *Manual de Reportagem - REC* (pp. 95–120). LabCom.
- Midões, M. (2021). Reportagem de proximidade: Como o local se pode impor ao alinhamento nacional. In *Manual de Reportagem- REC* (pp. 295–298). LabCom.
- Mourão, L. M. (2019). *Futebol como protagonista jornalístico: A transmissão do Jornal Nacional durante a Copa do Mundo de futebol* [Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/87417>
- Nikolaou, E. E., Konteos, G., Kalogiannidis, S., & Syndoukas, D. (2023). Mega sporting events and their socio-economic impact: Case study of the 2022 FIFA World Cup. *Journal of Infrastructure, Policy and Development*, 7(2), 2158. <https://doi.org/10.24294/jipd.v7i2.2158>
- Oates, T. P., & Pauly, J. (2007). Sports Journalism as Moral and Ethical Discourse. *Journal of Mass Media Ethics*, 22(4), 332–347. <https://doi.org/10.1080/08900520701583628>
- Observador. (2014). *Estatuto Editorial*. Observador. <https://observador.pt/estatuto-editorial/>
- Oliveira, M., Santos, F. S., & van der Kellen, M. (2021). O som – Elemento âncora da reportagem. In *Manual de Reportagem - REC* (pp. 147–162). LabCom.

- Padilla, T. (2016). Shakespeare en Old Trafford. *Panenka*, 94–97.
- Pattisson, P., & McIntyre, N. (2021). *Revealed: 6,500 migrant work*
Revealed: 6,500 migrant workers have died in Qatar since World Cup awarded
ers have died in Qatar since World Cup awarded. The Guardian.
- Pinheiro, F. (2010). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Edições Afrontamento.
- Ramon, X., & Rojas Torrijos, J. (2017). *Accountable Sports Journalism: Guidelines for Covering Sports Responsibly*. <https://accountablejournalism.org/ethics-codes>
- Robertson, K., & Koblin, J. (2023). *The New York Times to Disband Its Sports Department*. The New York Times. <https://www.nytimes.com/2023/07/10/business/media/the-new-york-times-sports-department.html>
- Rowe, D. (2004). Working In Media Sport: The Discipline Of Sports Journalism. In *Sport, Culture and the Media* (2nd ed., pp. 37–67). Open University Press - McGraw-Hill Education.
- Rowe, D. (2007). Sports journalism: Still the “toy department” of the news media? *Journalism*, 8(4), 385–405. <https://doi.org/10.1177/1464884907078657>
- Serpa, V. (2017). O desporto em tempo de guerra. In A Esfera dos Livros (Ed.), *Tudo por uma boa história - Confidências e relatos de jornalistas portugueses* (1st ed., pp. 127–131). Sindicato dos Jornalistas.
- Sodré, M., & Ferrari, M. H. (1986). *Técnica de Reportagem* (5th ed.). Summus Editorial.
- Sousa, J. P. (2002). *Construindo uma teoria do jornalismo*. www.bocc.ubi.pt
- Talese, G. (2002). Writing About Ordinary Lives. *Nieman Reports*.
- The Athletic. (2016). *About Us*. The Athletic. <https://theathletic.com/about/>
- The New York Times. (2022). *New York Times Co. to Buy The Athletic for \$550 Million in Cash*. The New York Times. <https://www.nytimes.com/2022/01/06/business/new-york-times-the-athletic.html>
- Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo* (Vol. 2). Editora Insular.

Vegar, J. (Ed.). (2001). *Reportagem: uma antologia*. Assírio & Alvim.

Vivaldi, G. M. (1993). *Generos Periodisticos* (5th ed.). Editorial Paraninfo.

Anexos

Entrevista Matt Slatter

Por que é que considera importante cobrir um evento como o Mundial no local e não na redação?

Matt Slatter: Os jornalistas devem sempre querer ver e ouvir as coisas por si próprios. A nossa profissão é investigar e isso significa observar, falar com pessoas relevantes, desafiar ideias preconcebidas e estereótipos, escrutinar os poderes e testemunhar. A alternativa é reescrever notas de imprensa ou ver as coisas através de ecrãs, mas que valor é que estamos a acrescentar? O que nos torna diferentes de qualquer outra pessoa? Claro, não podemos responder a tudo. Não existe tempo ou dinheiro, nem é bom para a saúde. Ainda assim, definitivamente, deveríamos ter como objetivo estar nos eventos mais importantes e senti-los *on our beat*.

Quais considera que foram os principais objetivos editoriais do *The Athletic* durante o Mundial?

Matt Slatter: É um Mundial, há 100 histórias diferentes todos os dias. Penso que o nosso trabalho como jornalistas é servir o nosso público. É por isso que estamos lá. Então é bastante simples. As pessoas querem uma cobertura de qualidade daquele que é, talvez, um dos maiores eventos desportivos do planeta. As pessoas querem o normal conteúdo relacionado com o Mundial – quem vai ganhar, como se estão a sair as seleções sobre as quais os leitores têm interesse. Claro que os leitores querem saber quem ganhou e quem perdeu, mas também o que acontece além disso. Eles querem ouvir os principais protagonistas, mas também descobrir novos nomes. Os jornalistas têm de fazer pesquisa, filtrar e hierarquizar o bom conteúdo para que o possam entregar de forma entretida e acessível. Coisas básicas. Este Mundial foi um pouco diferente. Senti que tinha que explorar essa diferença, explicá-la, desafiar preconceitos, garantir que as promessas estavam a ser cumpridas, mostrar às pessoas o Qatar em si. Então, havia dois eixos principais: as coisas habituais de um Mundial e, depois, o próprio Qatar.

É importante existir equilíbrio entre histórias relacionadas com o aspeto competitivo do Mundial e histórias sobre o ambiente social (por exemplo, direitos humanos, trabalhadores migrantes, direitos LGBT)?

Matt Slatter: Definitivamente. Sou jornalista desportivo, cubro a sobreposição entre o desporto e a política/negócios/entretenimento... Cubro a forma como os Mundiais são atribuídos, por que é que os países os querem sediar, quanto dinheiro ganham com isso, como é que esse dinheiro é gasto, o que faz com que um Mundial seja bem-sucedido, qual o impacto que isso tem no país anfitrião e por aí adiante. Estas são as minhas histórias. Houve muito para contar no Qatar, antes e depois do torneio.

De onde vem esse interesse?

Matt Slatter: Nada acontece de forma isolada, não é? Se só quiséssemos saber do futebol e nada mais além disso, podíamos poupar tempo e dinheiro apenas a ver jogos amadores que decorrem na nossa vizinhança, mas não o fazemos, não é? Dedicamos enormes quantias de dinheiro e muito tempo para assistir a jogos e falar sobre desporto. É a coisa mais importante na vida de algumas pessoas. É uma grande indústria por si só. Os governos querem controlá-lo e usá-lo para os seus próprios fins. As marcas querem estar ligadas a ele. É difícil pensar em qualquer outra coisa que se relacione tanto com o resto da sociedade como o desporto. Isso toca em tudo.

Quais foram as principais forças de bloqueio para o trabalho jornalístico durante o Mundial do Qatar?

Matt Slatter: Por onde começo? Sem ordem específica: nenhuma tradição/conceito de imprensa livre e independente; barreiras linguísticas e culturais; falta de espaços seguros para encontrar e conversar com os trabalhadores migrantes; desconfiança nos jornalistas ocidentais; aborrecimento, muitas vezes compreensível e justificado, com o preconceito/hipocrisia ocidental; as nossas próprias limitações devido à pressão para cobrir o torneio... tantas.

Como é que ter a possibilidade de ver com os seus próprios olhos a realidade do Qatar se refletiu na sua escrita?

Matt Slatter: Não posso falar por todos os jornalistas. Éramos muitos e certamente não li o que todos fizeram. Mal tive tempo de ler todas as coisas dos meus colegas. Mas sei que tentei cobrir a realidade do Qatar, dentro e fora do campo, e muitos outros jornalistas também o fizeram. Já o estava a fazer uma década antes do torneio se realizar.

Como é que avalia o Qatar enquanto local para realizar trabalho jornalístico?

A minha experiência foi boa. O Qatar não é tão livre, acessível, transparente, democrático, como outros sítios, mas, nesse aspeto, também não é o pior lugar onde já estive. A China, por exemplo, foi muito pior. Penso que o Qatar, e muitos outros países semelhantes, são lugares fundamentalmente difíceis para se ser jornalista, pela simples razão de que não têm realmente imprensa livre. Os jornalistas trabalham para jornais, canais de televisão e *sites* estatais e limitam-se a redigir comunicados de imprensa, transmitir informações e relatar factos básicos. Não há o conceito de imprensa livre e independente, existe uma barreira linguística e cultural, falta de lugares seguros para falar com trabalhadores migrantes, há desconfiança quanto a jornalistas ocidentais e não existe uma cultura de responsabilização dos poderes, de contar histórias e de investigar escândalos. Portanto, não creio que o que os jornalistas fazem lá seja jornalismo de verdade. Parece jornalismo e envolve habilidades e ferramentas jornalísticas. Alguns dos jornalistas poderiam ser bons jornalistas noutros lugares. No entanto, o que eles fazem lá não é jornalismo. São relações públicas. Não é culpa deles. É o resultado de trabalharem num país pequeno e rigidamente controlado, sem eleições, partidos políticos, sindicatos, verdadeira liberdade académica e todas as outras coisas que sustentam as sociedades democráticas, com todos os seus pontos fortes e fracos. É apenas uma maneira diferente de fazer as coisas e organizar um país. Mas não é um bom lugar para ser jornalista da forma como entendo a profissão.

Entrevista Oliver Kay

Por que é que considera importante cobrir um evento como o Mundial no local e não na redação?

Oliver Kay: Eu diria que é importante cobrir um evento como este, estando no site e não na redação. Exemplificando, no Mundial de 2002, tinha acabado de entrar no *The Times* e tivemos muito poucas creditações por causa do custo de tudo. Como era um jornalista júnior, acabei por cobrir o torneio a partir da redação. Além de ser bastante desmoralizante, era como se não tivesse um verdadeiro entendimento do que se passava. Não tive uma visão real. Obviamente, há uma vantagem em poder ver coisas na televisão que é ter repetições, ângulos diferentes e ver o debate no intervalo. Às vezes tens uma visão mais ampla da partida em si, mas falta-te a cor à volta do evento, o acesso aos protagonistas no pós-jogo [em zonas mistas e conferências de imprensa], a importância de construir ligações e falar com pessoas que se relacionem com a história que se está a contar, é tudo muito importante e não o consegues fazer a partir da redação. No Mundial 2022, também tínhamos pessoas a trabalhar a partir da redação ou em casa, mas há certas coisas que simplesmente não dá para se fazer. Porém, há outras que, provavelmente, podiam ser feitas de melhor maneira na redação. Falo da análise de dados. Acontece que, em termos de realmente refletir sobre o torneio, as histórias, a cor, o clima, o que eu acho que é uma das coisas mais importantes, é preciso estar no terreno. Acho que foi muito importante refletir sobre o Qatar na nossa cobertura, porque sabíamos antecipadamente que era um lugar estranho para se estar. O Qatar foi incrivelmente agradável do ponto de vista logístico, tudo correu bem, não havia trânsito, sabia-se que se podia ir rapidamente de um estádio para outro. Só que em termos de tudo o que se procura num Mundial e num país anfitrião, isso estava completamente ausente. Achei que foi um aspeto muito dececionante. Portanto, sim, existem benefícios. Ter pessoas espalhadas pelo Qatar permite-nos ir a algum lado e trabalhar numa história específica em vez de termos seis ou sete redatores apenas a irem a jogos todos os dias e a fazerem conferências de imprensa de pré e pós-jogo. Anteriormente, já estive nessa situação e tens um menor entendimento da competição no geral.

Quais considera que foram os principais objetivos editoriais do *The Athletic* durante o Mundial?

Oliver Kay: Claramente, refletir o futebol. Pode dizer-se que o Mundial é o maior ou o segundo maior evento desportivo. É enormíssimo, com interesse para muitos países. Isso só vai crescendo à medida que o torneio tem mais equipas. Pode dizer-se que um Mundial com 32 seleções é mau. É mau para o torneio em si, mas, em termos de interesse global, é bom. Se a China ou a Índia se qualificarem, ainda mais. A cobertura será cada vez maior. Acho que tínhamos que cobrir, não apenas os jogos, mas ao mesmo tempo, concentrar-nos nas histórias que as pessoas talvez não conhecessem, as histórias interessantes que nunca foram realmente escritas de forma adequada e com tanto detalhe. Era importante julgar o estado de espírito do país anfitrião e descobri-lo por nós mesmos. O trabalho jornalístico baseou-se no que aconteceu em campo, em peças sobre o brilhantismo de Lionel Messi ou Kylian Mbappé, mas também houve uma enorme cobertura do custo social, muitas vezes tratado como se fosse um assunto colateral, mas que, neste caso, serviu literalmente para construir os estádios do torneio. Acho que fizemos estas duas coisas de forma brilhante e penso que nem todos os meios de comunicação fizeram o mesmo. Podem não ter recursos para tratarem essas histórias.

Quais foram as principais forças de bloqueio para o trabalho jornalístico durante o Mundial do Qatar?

Oliver Kay: Certamente não se obtém muita abertura e transparência por parte das autoridades governamentais e ainda menos abertura e transparência se obtém da FIFA. Para ser sincero, não acho que seja muito fácil em lado nenhum hoje em dia. Simplesmente não se obtém informações das autoridades. As portas não se abrem. Não há um espírito de cooperação com os *media* e isso é algo que quem escreve sobre futebol se habituou.

Como é que ter a possibilidade de ver com os seus próprios olhos a realidade do Qatar se refletiu na sua escrita?

Eu estava consciente de que um país que não tem tradição no futebol não tinha qualquer intenção de desenvolver o jogo no Qatar, tratou-se de desenvolver o Qatar em termos da sua influência no panorama mundial e não há dúvida de que receber o Mundial aumentou a influência do Qatar. Não é por acaso que existe este grande investimento no desporto e na utilização do desporto como instrumento diplomático, de geopolítica. Esta é a realidade. Não há paixão pelo futebol lá. Antes do Mundial, recebi convites de empresas de relações públicas, querem levar-te lá. Servem-te vinho e jantar, fazem-te uma visita

guiada muito seletiva. Levam-te a trabalhadores migrantes escolhidos a dedo que te dirão como estão a ser bem tratados. Nunca me interessei por aceitar esses convites. Houve alguns artigos desta natureza que apareceram em vários jornais britânicos com cerca de cinco, seis anos de antecedência. Eram terríveis. Uma coisa é veres com os teus próprios olhos, outra é presentear-te com uma viagem de relações públicas. Como jornalista independente tens que ir além disso, é para isso que somos pagos, é muito importante ir até lá e vermos por nós mesmos. O ambiente no Mundial 2022 era incrivelmente estéril. Muitas pessoas tentavam contar-te uma história diferente. A meio do torneio houve um evento com algumas pessoas de relações públicas da FIFA. Era uma ilusão, uma tentativa de transformarem a coisa toda em algo que não era.

As fontes oficiais tornam-se menos importantes para os jornalistas num local como o Qatar?

Sim, porque te encorajam a não saíres, a não fazeres as tuas próprias coisas, a não falar com pessoas. Tens que ter as tuas próprias fontes primárias que podem, por exemplo, ser um trabalhador. Ainda assim, precisas de dar oportunidade à FIFA ou à organização de responder se estiveres a escrever artigos sobre elas, mas estás obrigado a ir além disso. No Qatar, parecia que metade do país estava trancado atrás de portões. O povo do Qatar não se misturava com os adeptos que iam lá para o Mundial.

Como é que avalia o Qatar enquanto local para realizar trabalho jornalístico?

Em termos de cobertura de um Mundial, foi muito conveniente por causa dos transportes públicos, correu tudo bem. Não havia trânsito, o metro era bom. Nesse aspeto, a organização foi absolutamente perfeita, a logística foi muito fácil. Havia vantagens em termos de facilidade de deslocação, de segurança, de estar tudo perto. As pessoas podiam literalmente ver quatro jogos por dia no estádio, o que certamente não seria possível fazer em Inglaterra, muito menos na Rússia ou no Brasil ou nestes futuros torneios que serão realizados em vários países. Porém, como jornalistas, temos que trabalhar mais para obter informações e não vamos receber respostas de fontes oficiais e as que recebemos são meras manobras de relações públicas. Portanto, é tudo muito confuso. Sentimo-nos como se estivéssemos numa bolha. Foi importante não ser sugado para essa bolha e não aceitar a sua versão dos acontecimentos. Temos que estar de mente aberta.